



MONJAS,  
BEGUINAS,  
ESCRITORAS

Maria Graciele de Lima  
Organizadora



Pedro & João  
editores

# MONJAS, BEGUINAS, ESCRITORAS



**Pedro & João**  
editores



**MARIA GRACIELE DE LIMA  
(ORGANIZADORA)**

**MONJAS, BEGUINAS, ESCRITORAS**

**Copyright © Autoras**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

---

**Maria Graciele de Lima [Org.]**

**Monjas, beguinias, escritoras.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 80p.  
16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-1554-9 [Digital]**

1. Literatura. 2. Idade Média. 3. Escritoras. I. Título.

---

CDD – 370/800

**Capa:** Francisca Laila Ribeiro Pinto com finalização de Luidi Belga Ignacio

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2024

## SUMÁRIO

<b>NOS MONASTÉRIOS E BEGUINÁRIOS</b>	<b>7</b>
Maria Graciele de Lima	
<b>A ESCRITORA SURDA MEDIEVAL TERESA DE CARTAGENA: UMA DISCUSSÃO SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS SURDOS</b>	<b>11</b>
Betiza Pinto Botelho Janaína Aguiar Peixoto Otávio Washington Lima Silva	
<b>REFLEXÃO SOBRE A PALAVRA DA MULHER NA IDADE MÉDIA A PARTIR DE HILDEGARDA DE BINGEN</b>	<b>29</b>
Eugênio Nunes Correia	
<b>BREVE LEITURA DE O DIÁLOGO DE CATARINA DE SENA</b>	<b>45</b>
Maria Graciele de Lima	
<b>UM OLHAR POLÍTICO SOBRE AS BEGUINAS, A LITERATURA MÍSTICA E A PARTICIPAÇÃO FEMININA: ESTRATÉGIAS DE LINGUAGEM EM MARGUERITE PORETE E HADEWIJCH D'ANVERS</b>	<b>61</b>
Yasmin de Andrade Alves	
<b>AUTORAS E AUTORES</b>	<b>79</b>



## NOS MONASTÉRIOS E BEGUINÁRIOS

Durante o longo e complexo período medieval, as sociedades europeias viveram diferentes momentos, com altos e baixos relacionados às diversas esferas sociais. A depender do pensamento filosófico e religioso vigente, costumes eram adotados, outros eram descartados e, como consequência, condutas passavam a ser vigiadas enquanto outras, liberadas. Nesse jogo de oscilações, as mulheres eram uma parte das sociedades sobre a qual o controle pesava de uma maneira ou de outra. A constante vigilância fez com que modelos de vida fossem estabelecidos para que se adequassem à mentalidade vigente em cada momento do imenso Medievo, restando quase que exclusivamente a opção pelo casamento ou pela vida religiosa, sendo esta última aquela em que uma relativa liberdade criativa poderia ser exercida.

No que se refere à vida religiosa, os ambientes dos mosteiros foram os principais a se tornarem propícios ao trabalho intelectual das mulheres e, nos quais, numerosa produção literária, filosófica e teológica foi realizada. Além dos mosteiros, também os beguinários e as celas das anacoretas se tornaram espaços onde as mulheres experimentaram e construíram diversas modalidades de saberes, embora sofrendo frequentes processos de anulação, inclusive ao longo dos séculos que se seguiram, por meio dos “esquecimentos” narrativos que deixaram na sombra, por muito tempo, o numeroso trabalho intelectual produzido.

Não por acaso, os escritos da monja Hildegarda de Bingen (1098-1179), da anacoreta Juliana de Norwich (1342-416) ou da beguina Marguerite Porète (1250-1310) ou mesmo de uma leiga pertencente a uma ordem terceira, como Catarina de Sena (1347-1380), estão sendo revisitados sob outros vieses que não o devocional. Não rara, no entanto, é a percepção, por parte de pesquisadoras/es interessadas/os em tais leituras, de uma certa



resistência a um olhar revisionista das narrativas biobibliográficas quanto ao que tais autoras deixaram. Essa resistência ocorre frequentemente por conta das seculares repetições narrativas de que as mulheres nada produziram no Medievo, bem como das cristalizadas imagens que apresentam religiosas (sentido amplo) como piedosas, chorosas e indefesas mulheres santas, o que camufla aspectos importantes nas produções femininas medievais quanto a reformulações do imaginário teológico, críticas ao abuso de poder eclesiástico e à hipocrisia das/os poderosas/os em geral. Também é frequente a presença de orientações sobre a mudança dos vícios em virtude para as pessoas contemporâneas à escrita de cada obra.

É no contexto dessas discussões que surge este livro, mais especificamente como um dos resultados das discussões realizadas durante os encontros da disciplina *Tópicos Especiais em Estudos Clássicos e Medievais* quando se propôs à leitura de escritos de mulheres religiosas do Medievo. A disciplina, oferecida no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, no primeiro semestre de 2023, destacou os escritos de mulheres religiosas do Medievo, considerando a concepção de “religiosas” sob um olhar mais amplo do que o recorte canônico configurado pela Igreja Católica. Com esse direcionamento, as obras de Hildegarda de Bingen, Catarina de Sena, Marguerite Porète, Teresa de Cartagena e Teresa d’Ávila compuseram a seleção de materiais a serem lidos.

Como resultado de uma parte das reflexões, nasceu esta coletânea que evoca debates importantes ocorridos na ocasião mencionada. Em cada capítulo, há um recorte escolhido pelas/os pesquisadoras/es em que se destaca um determinado aspecto importante dentro de uma proposta de olhar mais detido às produções contempladas.

No primeiro capítulo, o enfoque recai sobre a obra de Teresa de Cartagena, uma autora medieval surda. No texto, Betiza Pinto, Janaína Aguiar e Otávio Washington discutem a respeito dos escritos da espanhola, em sua relação com aspectos biográficos,

especificamente pelo fato de a autora ter sido surda e ter produzido em um período que costumeiramente é associado à ausência de produção intelectual das pessoas surdas.

No segundo capítulo, Eugênio Nunes Correia trata do trabalho intelectual de Hildegarda de Bingen, enfatizando seu protagonismo no campo da palavra, destacando sob seu olhar, também a poesia de Compiuta Donzela. O autor destaca que as mulheres sempre fizeram uso inteligente da palavra e que esse uso tem sido, historicamente, uma linguagem de resistência às tentativas de invalidação e apagamento.

O terceiro capítulo é o resultado de um estudo inicial sobre a obra *O Diálogo*, de Catarina de Sena, a partir dos Estudos Literários. Em suas contribuições, Maria Graciele de Lima destaca a voz literária de Catarina, no quesito de algumas de suas escolhas de performatização textual, apresentando uma breve leitura da obra em destaque.

Já no quarto capítulo, Yasmin de Andrade e Luciana Deplagne trazem um olhar político sobre as beguinas por meio de uma discussão em que as obras de Marguerite Porete e Hadewijch d'Anvers são destacadas para além de obras literárias e místicas, mas também como obras com implicações políticas.

Portanto, as discussões oferecidas neste livro apresentam um discurso em que o Medieval é mostrado sob leituras que propõem desconstruções de mentalidades já bastante desgastadas, pois as narrativas apresentam enfoques que partem de lugares outros, contribuindo para narrativas outras. Desse modo, espera-se que tais debates ofereçam sua parcela de contribuição diante do imenso trabalho de revisão que, embora já em curso, ainda se encontra diante do muito a ser desvelado e (des)construído.

A organizadora.



# A ESCRITORA SURDA MEDIEVAL TERESA DE CARTAGENA: UMA DISCUSSÃO SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS SURDOS

Betiza Pinto Botelho  
Janaína Aguiar Peixoto  
Otávio Washington Lima Silva

## **Introdução**

Desde que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida através da Lei Federal nº 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto Federal nº 5.626/05, que o povo surdo vem ocupando espaços até há pouco tempo inimagináveis. Se direcionarmos o nosso olhar a um passado não tão distante, veremos que esse grupo populacional esteve sempre à margem de nossa sociedade, ocupando subempregos, sobrevivendo naquele quarto, nos fundos da casa, abandonado por familiares, ao descobrirem sua condição de surdez, sem perspectiva.

Sobre o passado das pessoas surdas, Strobel (2009) nos fala que os romanos abandonavam ou as eliminavam com a morte no Rio Tiger, uma vez que eram consideradas castigadas ou enfeitiçadas pelos deuses. Na Grécia, a surdez era vista como um problema social a ser resolvido com a morte, sendo os surdos lançados dos rochedos de Taygéte e nas águas de Barathere. As atrocidades continuaram por séculos. Na Idade Média, eram impedidos de receber o sacramento da comunhão por não se confessarem. Direitos sociais eram proibidos de serem usufruídos, como, por exemplo, o recebimento de heranças. Para alguns, a morte na fogueira era o caminho.

Nos estudos surdos, é de amplo conhecimento de professores, pesquisadores e estudantes que a ascensão surda começou apenas na Idade Moderna (1453 – 1789), com um olhar direcionado às necessidades mais específicas desse público. Porém, antes desse

período, registros de produções de pessoas surdas são inexistentes. Em contrapartida, diferentemente do que se fala, temos a figura de Teresa de Cartagena, uma freira católica e surda da Idade Média que escreveu duas obras, sendo a primeira intitulada *Arboleda de los enfermos*<sup>1</sup> (Bosque dos enfermos) e a segunda *Admiración operum dey*<sup>2</sup> (Admiração das coisas de Deus). Esta descoberta pode representar a mudança de algumas concepções sobre a Idade Média e a surdez, trazendo para os estudos surdos informações que outrora não estavam democratizadas, haja vista as dificuldades de acesso aos escritos de mulheres desse período.

Dessa forma, o presente capítulo objetiva apresentar breves discussões sobre a vida e as obras de Teresa de Cartagena, atrelando-a aos estudos surdos. Por suas características, o presente estudo é de abordagem qualitativa, definida por Oliveira (2008) como um processo reflexivo e analítico da realidade posta, em que se pretende conhecer com mais detalhes o objeto de estudo. Por seu objetivo, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, conceituada por Silveira e Córdova (2009) como um tipo de investigação que tem por meta trazer maior familiaridade com o problema que se pretende conhecer, tornando-o mais explícito, ou, até mesmo, oportunizando a construção de hipóteses. Para a coleta de dados, utilizaremos a técnica bibliográfica, conceituada por Zanella (2012) como a busca de informações em livros e artigos científicos. Para análise dos dados, usaremos a técnica de análise qualitativa. Por fim, estaremos ancorados teoricamente em Strobel (2009), Troch (2013), Costa e Costa (2015), dentre outros.

---

<sup>1</sup> O texto a que tivemos acesso segue a edição de Joseph Lewis Hutton, disponível apenas em espanhol e publicado pela Real Academia Espanhola no ano de 1967. Até a conclusão desse trabalho, não identificamos a obra traduzida para o português.

<sup>2</sup> Assim como *Arboleda de los enfermos* (Bosque dos enfermos), a versão que tivemos acesso corresponde a edição de Joseph Lewis Hutton, disponível apenas em espanhol e publicado pela Real Academia Espanhola no ano de 1967. Também não foi identificada nenhuma obra traduzida para o português até a escrita do presente texto.

## Um breve panorama histórico das pessoas surdas no Brasil e no mundo

Nos últimos anos, a Libras vem ganhando cada vez mais notoriedade no cenário nacional. Essa língua espaço-visual é vista principalmente através da atuação profissional dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa que aparecem na classificação indicativa na programação a ser exibida na TV aberta, em propagandas eleitorais, com destaque para as últimas campanhas eleitorais (2018 e 2022), nas populares *lives* do YouTube no ápice da pandemia da Covid-19 (sars-cov-2), em programas da TV Brasil e muito mais.

Essa maior notoriedade não se limita aos espaços já mencionados, onde a presença da Libras e de pessoas surdas em ambientes que outrora não eram ocupados por elas vem se ampliando a cada dia. Existem surdos como alunos da pós-graduação *stricto sensu*, já mestres e doutores, como docentes nas graduações e pós-graduações em universidades e institutos federais, em cargos eletivos, cargos de confiança no alto escalão do Governo Federal, e demais espaços. Mesmo diante dessa ampliação na participação e no acesso aos diversos bens culturais, sociais e educacionais, é importante frisar que essa presença ainda é tímida, necessitando de mais investimentos em políticas públicas que contribuam para a emancipação desse público.

Entretanto, esta realidade é recente. Ao voltarmos o nosso olhar para os fatos registrados na história, veremos a crueldade<sup>3</sup> com que algumas sociedades tratavam as pessoas surdas e com deficiência. Na Idade Antiga (período que se inicia a criação da escrita até 476 d.C), muitas atrocidades estavam reservadas a quem nascia sem o sentido da audição. Nas grandes civilizações da antiguidade, as pessoas com deficiência, naquela época denominadas como “retardadas” ou “deformados”, eram

---

<sup>3</sup> Esta visão é anacrônica, visto que, para estas sociedades, o tratamento desprendido era o correto.

condenadas à morte. Entre os povos que se estabeleceram nessa fase da história, encontramos os espartanos, que possuíam o seguinte costume: "a infeliz criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar" (Berthier, 1984, p.165 *apud* Strobel, 2009, p. 16).

Essas crenças e práticas não estavam restritas ao povo espartano. Em Roma, os surdos eram considerados castigados e/ou enfeitados, resultando em abandono ou em morte por afogamento após serem jogados no Rio Tiber. Os mais "afortunados" viviam como escravos em grandes moinhos, tendo como principal função movimentar a manivela para moer o trigo. Algo semelhante ocorria na Grécia, pois os surdos também eram eliminados, sendo suas vidas ceifadas quando jogados de altos morros e em rios. Quem não tivesse esse fim, viveria uma vida miserável e/ou de escravidão.

Na Idade Média (476 – 1453), as pessoas surdas são objeto de muita curiosidade e estranheza, havendo a proibição da comunhão, pois não podiam se confessar. Normas internas da Igreja Católica da época proibiam o casamento entre pessoas surdas, e a liberação era feita em raros casos sob a autorização papal. Algumas leis limitavam o direito à herança, ao voto e ao exercício de uma vida cidadã (Strobel, 2009). Vejamos o cronograma histórico elaborado pela pesquisadora Strobel (2009):

**Cronograma 1: Histórico de Surdos**

PERÍODO	DESCRIÇÃO DOS FATOS
Idade Média	<p>Não davam tratamento digno aos surdos, colocava-os em imensa fogueira. Os surdos eram sujeitos estranhos e objetos de curiosidades da sociedade.</p> <p>Aos surdos era proibido receber a comunhão, porque eram incapazes de confessar seus pecados. Também havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido àqueles que recebiam favor do Papa.</p> <p>Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e, enfim, de todos os direitos como cidadãos.</p>

Fonte: Strobel (2009, p.19)

Como é possível perceber através do quadro elaborado pela autora, a Idade Média não foi um período acolhedor para o povo surdo, principalmente para aqueles que compunham a grande massa populacional, restando aos mais abastados as melhores condições de vida.

Avançando na história, chegamos na Idade Moderna (1453 – 1789), que conta com muito mais informação sobre este período, mas que nos limitaremos a alguns fatos compreendidos como mais relevantes. Com isso, surge, na primeira metade do século XIV, a figura de Girolamo Cardano (1501 – 1576), médico e filósofo italiano que afirmava ser um crime não instruir os surdos-mudos<sup>4</sup>, uma vez que ele compreendia que a surdez não era impedimento para o aprendizado, devendo os esforços no ensino ocorrerem através da escrita. Vê-se aí o início do reconhecimento da importância da visualidade para os surdos.

Outra figura igualmente importante foi o monge beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon (1510 – 1584), considerado o

---

<sup>4</sup> Naquela época as pessoas surdas eram chamadas de surdos-mudos. Hoje sabe-se que o correto é utilizar o substantivo surdo(a) ou pessoa surda.



responsável pela criação da primeira escola para surdos em um monastério, em Valladolid. Nessa “escola para surdos”, Leon ensinava línguas como o latim, o grego e o italiano, além de conceitos básicos da física e de astronomia. Sua metodologia estava ancorada na exploração da datilologia<sup>5</sup>, da oralização e da escrita. Após a sua morte, o método usado por ele entrou no esquecimento, pois era costume da época não publicizar os métodos individualmente desenvolvidos para a educação do público surdo.

Em 1613, é publicado em Madrid o livro *Refugium Infirmorum*, de autoria de Fray de Melchor Yebra, que descrevia e ilustrava o alfabeto manual da época. Ainda na Espanha, em 1620, Juan Pablo Bonet publica o livro *Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*. Esta obra é considerada o primeiro livro de educação de surdos. Bonet, além de defender o método oral, também afirmava ser importante o ensino do alfabeto manual para os surdos o mais precocemente possível.

Ainda neste período, surge o alemão Samuel Heinicke (1729-1790), considerado por muitos como sendo o “Pai do Método Alemão”, que propunha o ensino da fala oral aos surdos. Heinicke publicou um livro intitulado *Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra*, e, em 1778, fundou a primeira escola para surdos em Leipzig, aplicando o método oral puro.

Contemporâneo a Samuel Heinicke, temos a figura do abade Charles Michel de L’Epée (1712-1789), que, após conhecer duas irmãs gêmeas e surdas, tornou-se próximo de surdos pobres que viviam nas ruas de Paris. Esta estratégia de convívio garantiu que L’Epée aprendesse a forma de comunicação dos surdos daquela época, bem como realizasse os primeiros estudos sobre a língua de sinais com muito mais seriedade. Desenvolveu a metodologia dos “Sinais metódicos”, que era formado a partir da combinação da língua de sinais falada naquela época com a gramática da língua oral francesa. Seus métodos foram amplamente criticados por

---

<sup>5</sup> Soleturação através do alfabeto manual.

inúmeros educadores, principalmente os oralistas, com destaque para Heinicke. Mesmo diante das críticas, L'Épée manteve-se firme em seu propósito, contribuindo para a fundação de 21 escolas para surdos na França e na Europa. O abade Charles Michel de L'Épée falece em 1789, ano em que os historiadores definiram como o início da Idade Contemporânea (1789-dias atuais).

A inovação do método de L'Épée foi tamanha, que influenciou a criação de outras escolas pelo mundo. No Brasil, temos a fundação, em 1857, do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, localizada no Rio de Janeiro, que, sob a autorização de Dom Pedro II, foi construída com a colaboração do professor surdo francês E. Huet<sup>6</sup>, que também influenciou para que a antiga língua de sinais usada pelos surdos imperiais se fortalecesse. Hoje, o Imperial Instituto de Surdos mudos chama-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)<sup>7</sup>, sendo uma instituição referência na educação de surdos no Brasil e na América Latina.

Nessa época, as pessoas surdas de várias partes do mundo viviam uma fase de ouro, com a possibilidade de estudar, trabalhar e decidir os caminhos da própria vida (Peixoto, 2020). Um exemplo claro sobre esse período é o que nos conta Strobel (2009) sobre a fundação, em 1864, da Universidade de Gallaudet, em Washington, Estados Unidos, a 1ª instituição de ensino superior para pessoas surdas em todo o mundo. Esta universidade surgiu a partir do sonho de Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) realizado pelo seu filho, Edward Miner Gallaudet (1837-1917). Por sua vez, Peixoto (2020) diz que, em 1875, foi lançado o livro *Iconografia dos Sinais dos Surdos*, de autoria do surdo Flausino José da Gama, considerada a primeira publicação de um livro por um surdo no Brasil.

---

<sup>6</sup> Segundo Solange Rocha, historiadora e ex-diretora do INES, nos documentos oficiais assinados pelo diretor francês nenhuma assinatura constava o seu primeiro nome por extenso, sendo o E. Huet ou E. D. Huet o utilizado, diferente do que ocorre em inúmeras literaturas, em que ele é nomeado por Ernest Huet ou Eduard Huet (ROCHA, 2008, p. 28).

<sup>7</sup> <https://www.gov.br/ines/pt-br>.

Apesar de todas as conquistas, em 1880 ocorreu em Milão, na Itália, o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, que discutiu os caminhos mais adequados a serem utilizados na educação de surdos. Na ocasião, o método oral foi defendido como o que mais atendia ao anseio de desenvolvimento para as pessoas surdas. Vejamos o que Peixoto (2020, p. 42-43) afirma:

A partir deste evento, iniciou a era do Oralismo Puro, que se estendeu por 100 anos, onde o foco da educação de surdos era o ensino da língua oral, pois, este método foi considerado superior ao método educacional com a Língua de Sinais. Com isso, as escolas passaram a proibir o uso da Língua de Sinais em sala de aula. Isto repercutiu negativamente na história de surdos de diversos países, trazendo implicações no âmbito educacional, cultural e literário dos surdos.

Por volta de 100 anos, os surdos foram proibidos, em várias partes do mundo, de utilizarem a língua de sinais. Os anos de ouro se transformaram em um período de retrocessos. No Brasil, essa realidade só começa a mudar em 1987, com a inserção da língua de sinais no Projeto Educacional do INES. É importante destacar que esta inserção não foi aleatória, estando atrelada aos estudos de William Stokoe, que na década de 60 publica o artigo *Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*, reconhecendo o status linguístico da American Sign Language (ASL) <sup>8</sup>.

A partir disso, os surdos brasileiros puderam defender o seu direito de acessarem o mundo através da língua de sinais, e até mesmo se fazerem entender neste idioma. Um outro fato importante é que apenas em 2002 a língua de sinais foi reconhecida como língua pelo Estado brasileiro, com a promulgação da Lei nº 10.436 de 24 de abril (Lei de Libras), o que contribuiu para que a presença surda que vemos hoje em vários espaços pudesse se tornar uma realidade.

---

<sup>8</sup> Língua Americana de Sinais (ASL).

Após o seu reconhecimento, mais iniciativas começaram a ganhar corpo pelo país, e que pretendiam melhorar a vida das pessoas surdas. Portanto, destacamos a regulamentação da Lei de Libras pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005; a criação do 1ª curso de licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2006; a 1ª edição do Prolibras – Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa, também em 2006<sup>9</sup>; dentre outras medidas que foram/são muito importantes para o processo emancipatório dessa minoria linguística.

### **Teresa de Cartagena: a escritora surda medieval**

Reis e reinados, batalhas sangrentas, conquistas de reinos e expansão territorial, armaduras de ferro usadas em batalhas e Cavaleiros Templários. Esses e muitos outros temas inundam as nossas mentes quando o assunto é a Idade Média, e “naturalmente” atribuímos essas temáticas ao universo masculino, pois foi assim que vimos na educação básica e nos filmes de Hollywood.

Tratando-se a respeito de mulheres, logo pensamos em bruxas queimadas na fogueira, no trabalho doméstico realizado em ambientes hostis e de pouca higiene, ou até mesmo nos conventos católicos recheados de religiosas. Assim nos é dito que a atuação feminina nesse período da história da Europa é inexpressiva, restando às mulheres qualquer outro lugar que não seja o do prestígio, da educação, do poder e da religiosidade ativa. Exemplificando a situação feminina neste período, evocamos Troch (2013, p.02), através do excerto abaixo:

---

<sup>9</sup> A última edição do PROLIBRAS ocorreu em 2015, conforme Art. 20 do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Entretanto, as 10 edições previstas não ocorreram, sendo a 7ª edição a última a ser realizada.

Quanto à posição das mulheres, podemos destacar dois aspectos notáveis: sabemos que no tempo da Roma Antiga, o “*pater familias*”<sup>10</sup> possuía o direito de matar filhas e também filhos com deficiência e abortar crianças que não eram desejadas. Sabemos igualmente que o período do Renascimento e o final da Idade Média, são caracterizados por um massacre organizado de grandes grupos de mulheres caracterizadas como bruxas, em uma combinação de poder religioso e político, juntamente com uma colonização sangrenta da Europa continental. Além disso, as universidades – redutos de homens – propagaram uma certa forma de conhecimento e desenvolveram, desta forma, um grande poder político.

Mesmo reconhecendo que ser mulher na Idade Média nem sempre foi assim<sup>11</sup>, é possível perceber a acentuação da aversão ao ser feminino nesse período da história da Europa, sendo os desrespeitos potencializados quando uma deficiência ou a surdez estavam atreladas à condição de existência do ser, o que, sem sombra de dúvidas, representava uma luta diária pela sobrevivência. É nesse contexto avesso às mulheres que surge a figura de Teresa de Cartagena, a quem dedicaremos esta seção.

Teresa de Cartagena nasceu em 1425, em Burgos, na Espanha, sendo a data de sua morte uma incógnita até os dias atuais. Seu pai

---

<sup>10</sup> *Pater familias* (plural: *patres familias*) era o mais elevado estatuto familiar (*status familiae*) na Roma Antiga, sempre uma posição masculina. O termo é latino e significa, literalmente, “pai de família”.

<sup>11</sup> Troch (2013) afirma que no início da Idade Média as mulheres tiveram participação ativa e crescente nas decisões sobre as disputas de terras, fronteiras e do poder religioso. As nobres exerciam forte influência na política, na cultura, na educação, na economia e na religião. Entre os séculos XI e XII elas pregavam, ensinavam e lideravam mosteiros, atividades estas tidas como masculinas. Além disso, muitas mulheres detinham grande poder econômico, pois possuíam cervejarias, empresas têxteis, fábricas e moinhos. Apenas por volta do século XIV que essa realidade vai mudando com a disputa pelo poder advindo daqueles que faziam as antigas universidades surgidas no final do chamado período medieval. Assim, os conhecimentos femininos foram aos poucos sendo expurgados do pensamento intelectual da época, dando início a um período de perseguição às chamadas “bruxas”.

chamava-se Pedro de Cartagena, e sua mãe Maria de Saraiva. Nascida em uma rica e influente família de judeus conversos ao cristianismo, teve boas condições de acessar a formação intelectual. Seu avô paterno chamava-se Rabi Selomó Ha-Levi, que, após a conversão, passou a ser chamado oficialmente de Pablo de Santa Maria. Após 12 anos de conversão ao cristianismo, tornou-se bispo de Cartagena, fato este que influenciou diretamente o nome de seus descendentes, sendo Santa Maria também utilizado. Em 1414, Pablo de Santa Maria torna-se bispo de Burgos.

**Imagem 1:** Teresa de Cartagena



Fonte: COSTA e COSTA, p. 202, 2019

Como é possível observar na imagem acima, Cartagena foi uma freira católica, entrando para o Mosteiro Franciscano de Santa Clara, em Burgos, aos 15 anos, exatamente em 1440, e em 1449 entra para o Mosteiro Cisterciense de Las Huelgas, também em Burgos. Teresa de Cartagena foi uma mulher religiosa e surda, mas que, até o presente momento, não se sabe ao certo como a sua surdez foi adquirida/desenvolvida. Costa e Costa (2019) afirmam que após entrar no Mosteiro Cisterciense de Las Huelgas, por volta de 1453 e 1459, ela adquire a surdez. Divergindo desta informação, Val (et.

al., 2004) afirmam que Cartagena sofria com perda auditiva desde a infância, tornando-se totalmente surda na juventude. Independentemente da forma com que a surdez se desenvolveu em Teresa de Cartagena, é fato que sua condição de não audição impactou a sua vida de forma ímpar, o que a influenciou na escrita da primeira obra.

Antes de discutirmos sobre o primeiro livro de Teresa de Cartagena, gostaríamos de apresentar o seu sinal visual em Libras, criado pelos autores deste capítulo. O sinal visual em Libras é utilizado pelas pessoas surdas e pelos membros de sua comunidade como uma forma de identificação, em que características físicas ou comportamentais são utilizadas como parâmetro identificatório, nomeando quem as possui. É importante destacar que uma pessoa surda e um membro de sua comunidade possuem o nome oficial, sendo o sinal visual uma identificação interna desses membros. No caso em questão, foi considerado o hábito de Teresa de Cartagena como característica de identificação, em que uma parte de sua vestimenta se destaca na frente (testa). Vejamos o sinal visual na sequência de imagens e no vídeo disponibilizado através de QR code:

**Imagem 2:** Sinal Visual de Teresa de Cartagena



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qU31-UOzd7g>

Pinto (2015) afirma que, devido à sua condição de surdez, Teresa de Cartagena decide se isolar por 20 anos, quebrando o silêncio através da escrita de sua primeira obra, que fora intitulada de *Arboleda de los enfermos*, com tradução livre para *Bosque dos enfermos*. Vejamos:

Assim, Teresa, que já sofria com sua condição de mulher, torna-se surda. É fácil imaginar que, se ela já era malvista por ter aspirações intelectuais, sua surdez a torna um ser totalmente marginal. Seu isolamento torna-se mais acentuado, pelo fato de não conseguir se comunicar. Ela primeiro se retirou do mundo exterior ao entrar no convento; então sua doença a obriga a se distanciar de suas irmãs e do universo conventual porque ela não é bem aceita. Passa vinte anos assim, até que resolve escrever um texto no qual fala de sua deficiência como um dom concedido por Deus para poder dedicar-se à oração e ao recolhimento espiritual. (Tradução nossa)<sup>12</sup>.

O livro *Arboleda de los enfermos* é uma obra em primeira pessoa que discorre sobre o sofrimento, a solidão e o isolamento social causado pela surdez (Costa e Costa, 2019). Entretanto, não se trata de um livro em que Cartagena se expressa de forma lamuriosa acerca de sua condição de mulher surda. Na realidade, ela enaltece os benefícios de ser surda, pois, vivendo nesta condição, encontra-se isolada do mundo exterior, o que a blinda dos prazeres do mundo e do convívio social, levando-a a transcender para um plano superior. É importante destacar que ela não fez apologia à surdez, afirmando que a sua condição era algo particular, o que a

---

<sup>12</sup> Así pues, Teresa, que ya penaba su condición de fémina, se queda sorda. Es fácil imaginar que si ya antes era mal vista por tener aspiraciones intelectuales, su sordera la convierte en un ser totalmente marginal. Su aislamiento se hace más pronunciado, debido a que no puede comunicarse. Primero se retira del mundo exterior al ingresar en el convento; luego su dolencia la obliga a apartarse de sus hermanas y del universo conventual porque no es bien aceptada. Pasa así veinte años, hasta que decide escribir un texto en el que habla de su deficiencia como de un don otorgado por Dios para poder dedicarse a la oración y al recogimiento espiritual. (Pinto, 2015, p. 309)



levava para mais perto de Deus, não desejando a condição para seus pares, haja vista as dificuldades enfrentadas (Oviedo, 2011). Ainda sobre este primeiro escrito, Garreta (1999, p. 757 *apud* Costa e Costa, 2019, 203) complementa dizendo:

Não se trata de um conjunto de fórmulas para aguentar, para sobrelevar a desgraça, mas de uma proposta de saúde espiritual e de paz, de recuperação da vontade de viver: da recuperação do desejo (que ela chama de ‘desejo em Deus’), que agora se projeta ao infinito, abrindo-lhe as vias da liberdade desconhecidas até então.

Após ser publicado, *Aborleda de los enfermos* tornou-se tema de muita polêmica, dado que, à época, não se concebia que uma mulher – e surda – tivesse a condição intelectual de escrever um livro com distintas qualidades. A sua obra foi considerada de muita erudição, resultando na desconfiança quanto à originalidade de seu escrito. Em vista disso, Teresa de Cartagena foi acusada de ter copiado a obra *Libro de las Consolaciones de la Vida Humana*, de Pedro de Luna (Costa e Costa, 2019).

Em resposta, Cartagena se debruça em um novo livro, lançando, logo em seguida, o *Admiración Operum Dey*, que em tradução livre significa *Admiração das Obras de Deus*. Este livro representa uma defesa de Teresa de Cartagena quanto ao teor ofensivo das acusações que a ela foram direcionadas. Sobre este fato, Garcia (1989, p.98) nos apresenta o seguinte:

[...] *Admiración operum dey*, desde o próprio título, tinha um propósito claro: justificar-se e defender-se dos homens que a acusavam de escrever um tratado religioso como mulher, e também faziam a rara acusação do mundo medieval de falta de originalidade, como deduzimos de suas palavras: “Deus sabe bem que não ouvi outro professor nem ouvi conselho de outro estudioso, nem o transferi de livros, como costumam dizer algumas pessoas com sua admiração maliciosa (II, 131) (Tradução nossa)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> *Admiración operum dey*, desde el título mismo, tenía un fin claro: justificarse y defenderse ante los varones que la acusaban de escribir un tratado religioso siendo

Na tentativa de se defender das acusações, Teresa de Cartagena afirma que a surpresa advém de sua condição de mulher, pois, se a mesma obra fosse escrita por um homem, não haveria questionamentos. Além disso, ela foi muito contundente ao afirmar que escrever era uma habilidade dada por Deus, uma vez que Ele tem o poder de conceder as condições tanto para homens quanto para mulheres (Pinto, 2015). E nas palavras de Pinto (2015, p. 310), ela continua dizendo:

Ao ler os textos de Teresa, deduz-se a implicação que eles carregam: questionar o poder divino é cometer uma ofensa grave contra Deus. Em outras palavras, usando a mesma retórica de seus acusadores masculinos, Teresa afirma que aqueles que a atacam estão cometendo um grave pecado ao questionar a onipotência de Deus e sua disposição de conceder dons a quem quiser, sejam homens ou mulheres. O poder infinito de Deus, segundo Teresa, é seu melhor argumento. (Tradução nossa)<sup>14</sup>.

Dessa maneira, é possível observar que as obras de Teresa de Cartagena estão imbuídas de estratégias de sobrevivência, em que, em um primeiro momento, tenta demonstrar que a surdez não necessariamente é uma condição limitante, garantindo-lhe, inclusive, as circunstâncias necessárias para o não desvio dos caminhos ditados pela Igreja e pelo Deus que ela professa.

---

mujer, y le hacían, además, la rara acusación del mundo medieval de falta de originalidad, según educimos de sus palabras: "Dios de la verdad sabe que yo no oye otro maestro ni me enseñé con otro alguno letrado, ni lo trasladé de libros, como algunas personas con su maliciosa admiración suelen decir" (II 31)

<sup>14</sup> Al leer los textos de Teresa es deducible la implicación que comportan: cuestionar el poder divino es incurrir en una grave ofensa a Dios. Es decir, usando la misma retórica de sus acusadores masculinos, Teresa afirma que quienes la atacan a ella están cometiendo un grave pecado al poner en duda la omnipotencia de Dios y su voluntad de otorgar dones a quien le plazca, sean hombres o mujeres. El poder infinito de Dios, según Teresa, es su mejor argumento. (Pinto, 2015, p. 310)

Inclusive, após ter sido acusada de ter copiado a sua primeira obra de um outro escritor, Cartagena se utiliza do argumento de defesa: os seus escritos são resultados da vontade divina em conceder as condições para uma mulher escrever, e que qualquer oposição a sua habilidade representava um desrespeito à vontade e ao poder de Deus.

Destarte, manteve-se firme em seu propósito, defendendo, também, o direito de as mulheres exercerem os mesmos papéis que os homens, sendo considerada por muitos como a primeira mulher a escrever um ensaio de caráter argumentativo, a primeira mulher a aderir à Reclamação das Mulheres, a primeira mulher a escrever um tratado sobre a surdez e a ser a primeira escritora mística em espanhol (Pinto, 2015).

### **Considerações finais**

A Idade Média foi um período restritivo para as mulheres, restando a elas a luta incessante pelo direito à vida. No que concerne as pessoas surdas, essa batalha precisou ser ainda mais determinada, haja vista as concepções sociais sobre a surdez. No que diz respeito aos estudos surdos, é de desconhecimento de seus pesquisadores a presença de pessoas surdas no período medieval, posto que muitos eram mortos e vistos como enfeitados, salvo os casos de indivíduos surdos pertencentes a elite econômica da época.

Contudo, após os estudos desenvolvidos na disciplina de Tópicos Especiais em Estudos Clássicos e Medievais II, ministrado pela Professora Doutora Maria Graciele de Lima, identificamos que houve, sim, no período medieval, uma escritora surda espanhola, a Teresa de Cartagena, que, além de contribuir literariamente, pode ser considerada uma profeminista que militou pela igualdade de direitos entre os gêneros.

Passados quase 600 anos do nascimento de Cartagena, é obvio que o cenário de opressão se modificou drasticamente, e que as mulheres continuam conquistando cada vez mais espaços na sociedade contemporânea. Contudo, ainda não há a equidade tão

sonhada por ela e por muitas outras mulheres, havendo diversas formas de desigualdade a serem superadas.

Assim, compreendemos que a academia, os espaços literários e os grupos de militância feminina são ambientes importantíssimos que desestabilizam o sistema posto, para que novos grupos sociais sejam ouvidos e tenham suas reivindicações atendidas pelo Estado e a sociedade. Só assim conseguiremos superar séculos de preconceito e perdas de grandes talentos femininos.

## Referências

CARTAGENA, Teresa de. **Admiración Operum Dey**. Real Academia Española, 1967. Disponível em: <https://iberian-connections.yale.edu/wp-content/uploads/2019/09/CartagenaTeresade-AdmiracionoperumDey.pdf> Acesso em: 26 de outubro de 2023.

CARTAGENA, Teresa de. **Arboleda de los enfermos**. Real Academia Española, 1967. Disponível em: <https://www.bieses.net/teresa-de-cartagena-arboleda-de-los-enfermos/> Acesso em: 26 de outubro de 2023.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. **Mulheres intelectuais na idade média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística** [recurso eletrônico] / Marcos Roberto Nunes Costa; Rafael Ferreira Costa Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

GARCIA, Luís Miguel Vicente. **La defensa de la mujer como intelectual en Teresa de Cartagena y Sor Juana Inés de la Cruz**. Mester, Yol. xviii. Nº.2 (Fali,1989).

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. 2a ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OVIEDO, Alejandro. **Teresa de Cartagena**. 2011. Disponível em: (PDF) Oviedo Teresa de Cartagena 2011 | Doris Damianovici - Academia.edu Acesso em: 07/06/2023

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

PINTO, Ester Fátima Afonso. **Dignidad de la persona y vindicación del intelecto femenino en los escritos de Teresa de Cartagena, Teresa de Jesús y Juana Inés de La Cruz.** Revista Multidisciplinaria Semestral. Año 2015. Número Especial: III Congreso Internacional de la Asociación Iberoamericana de Personalismo (AIP), Loja-Ecuador.

ROCHA, S. M. **O INES e a educação de surdos no Brasil.** Vol. 1, 2ª edição. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de Pesquisa.** coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos.** Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância, 2009. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf) Acesso em: 31/05/2023.

TROCH, Lieve. “**Mística Feminina na Idade Média:** historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais.” In: Revista Graphos. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Volume 15, no.1, 2013.

VAL, Maria Isabel del et. al. **La historia de las mujeres:** una revisión historiográfica. Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2004.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Estudo e de Pesquisa em Administração.** 2. Ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2012.

# REFLEXÃO SOBRE A PALAVRA DA MULHER NA IDADE MÉDIA A PARTIR DE HILDEGARDA DE BINGEN

Eugênio Nunes Correia

## Introdução

Cursar doutorado é uma fase acadêmica boa, que nos leva a aprimorar certos conhecimentos e entendimentos sobre determinada área e nos emerge numa discussão prazerosa e desafiadora. Desafia-nos a sair do básico, imergir no específico profundo do que propomos conhecer e partilhar esse conhecimento com a comunidade científica e a sociedade. Foi com esse espírito que encaramos todas as disciplinas cursadas, numa perspectiva relacional com nosso campo de estudo e pesquisa. Todas as cadeiras para nós são um momento de explorar determinado aspecto do que propomos estudar, fazendo jus à motivação que nos impeliu a dar mais um passo na direção ao conhecimento.

Foi então a partir dessa lógica que nasceu esse interesse em refletir sobre a palavra da mulher na Idade Média e analisar as suas vicissitudes enquanto uma voz que resiste ao silêncio e à discriminação. Para isso, toma-se como suporte reflexões que se dão sob uma suspeita às verdades preconcebidas, que estão a serviço de uma ideologia que se quer hegemônica.

Uma postura de suspeita é o que nos propõe Lieve Troch (2013) ao olharmos para a mística feminina e essa postura continua útil e necessária para continuarmos a refletir sobre estratégias de silenciamentos e mecanismos para o seu enfrentamento. Tal postura converge com o que Chimamanda Ngozi Adichie alerta como perigo de uma história única. Pois, sabe-se que o medievo é

marcado maioritariamente pela produção feminina, que se apagou em nome de uma política imperialista e patriarcal.

Se é verdade o que nos aponta Lieve Troch sobre a vasta produção feminina na Idade Média, por que nos assombra a ideia do vazio quanto a autoria feminina nessa época? Danielle Régnier-Bohler (1990) responde. Ela nos aponta que é através da escrita que ecoam as vozes das mulheres. Isso talvez porque o sistema não lhes dá outra saída senão a de usar estrategicamente a escrita como forma de contornar o silenciamento e atuar sobre a realidade. Não obstante, essa atuação é marcada pela censura através da palavra do homem que buscou sempre reger a palavra da mulher. Segundo a pesquisadora, a mulher medieval sofre de um sistema controlado por um homem narcísico, que só reconhece a si próprio. Num contexto em que a palavra do homem se apresenta como norma, ela (a palavra do homem) condena a palavra da mulher, quando não a condena ela própria por desvio de sua palavra, como é o caso de Margarida Porète que acabou na fogueira. A autora nos afirma que não há domínio algum em que a mulher não tenha expressado o desejo de falar e fala, mas foi continuamente silenciada. Nessa cultura de silenciamento, muitos dos seus feitos foram apagados da história em detrimento de uma construção falaciosa e violenta do domínio masculino.

Os escritos das místicas são profícuos e traçam várias linhas para se pensar. O fato de conhecermos poucas escritoras medievais não diz nada da suas potencialidades, apenas de uma tradição secular de silenciamento e discriminação. Hildegarda é o nosso exemplo para essa reflexão, a partir da sua obra *Scivias (Scito Vias Domini): conhece os caminhos do Senhor* (a versão a que temos acesso é uma tradução de Madre Columba Hart e Jane Bishop de 2015). Detidamente, exploraremos a categoria intertextualidade a partir da Terceira Visão.

A nossa pesquisa aponta para poucos estudos sobre a obra, ou seja, encontramos apenas um artigo e uma resenha. O artigo *Os caminhos do Caminho: O Scivias de Hildegard von Bingen e sua hermenêutica bíblica visionária* (2020), de Martin Santos Barcala e

Paulo Augusto de Souza Nogueira, discute as estratégias discursivas que promoviam a legitimidade de sua pregação e mensagem, em meio a um contexto institucional e teológico masculino e hierárquico. João Vicente Ganzarolli de Oliveira e Rafael Fernandes Frota resenharam a obra num diálogo entre o texto e a biografia da autora.

### **Voz e resistência**

O mundo é repleto de palavras de mulheres. Ou melhor, em termos psicanalíticos, o mundo é um produto anímico e, portanto, um produto do feminino e se explica assim a força feminina inabalável, por ser aquela que gera e cria. Recorremos então a um dos registros escritos mais antigos que a humanidade guardou, referimos assim ao livro de Gênesis, da Bíblia, para confirmar que a mulher sempre desafiou o silêncio, apesar da tradição do silenciamento, nunca deixou de usar da palavra. Na Idade Média, por exemplo, vamos encontrar esse registro da tradicional palavra da mulher (poema – versão traduzida por Karine Simoni (2018, p. 204-205):

Estação em que o mundo fronda e flora  
cresce o prazer dos cortesões amantes:  
seguem juntos pelos jardins afora  
até os passarinhos solfejam diletantes;

a franca gente se enamora,  
e para servir cada um se coloca adiante  
e cada donzela em alegria mora;  
e em mim abundam tristeza e choro angustiante.

em casa meu pai me colocou no erro,  
e me mantém contínua em grande aflição:  
doar-me quer a força a um senhor,

e eu disso não tenho desejo nem afeição



e grande tormento vivo todas as horas;  
por isso não me alegra nem flor nem fronda

O texto reproduzido é uma prova irrefutável que mulheres desde sempre debatiam sobre as suas condições, usando inteligentemente as ferramentas de que dispunham. Temos em vista, da Idade Média, um poema que critica o casamento forçado e a discriminação das mulheres.

O poema pertence a uma trovadora conhecida como *Compiuta Donzela*, que, segundo Simoni (2018), seria o pseudônimo de uma poetisa florentina (de Florença, Itália) e, por sinal, precursora da poesia feminina italiana.

Mulheres sempre fizeram o uso da palavra com classe e inteligência em resistência, o poema que acabamos de citar e comentar é um soneto, antes mesmo da sua instituição como arte por excelência, que só aconteceu séculos depois, XIV, por Francesco Petrarca. Vale ressaltar, porém, que ao se tratar da literatura italiana dessa época, era comumente a mulher aparecer como temática não como autora.

Se na produção literária do período a presença das mulheres como tema é contínua e incontestável, não se pode dizer o mesmo a respeito da sua efetiva participação como autoras. Esse paradoxo não é comum apenas na literatura medieval, mas estende-se até o século XX, pois somente a partir desse momento a mulher passa a atuar com mais regularidade no cenário literário. Porém, até pelo menos o séc. XIX a presença de mulheres poetas/escritoras nas histórias literárias é quase inexistente, e reflete a maneira como a sociedade medieval articulou a relação entre o feminino e o masculino: à parte o perigo das generalizações, pode-se afirmar que, salvo raras [exceções], à mulher cabia dedicar-se às atividades do âmbito doméstico, à procriação e ao cuidado com os filhos (Ciopponi, 2006; Zuber, 2002 *apud* Simoni, 2018, p. 201).

Quem nos diz o contrário é a Lieve Troch (2013). Ela afirma que as mulheres liam mais que os homens na Idade Média e que

leitura e escrita foram quase exclusivamente realizadas por mulheres. O aparecimento frequente das mulheres como tema e não como autora diz mais sobre o silenciamento e não sobre o “vazio”, como se sugere.

Conscientes de suas escritas ou de seus papéis enquanto escritoras, a literatura de autoria feminina na Idade Média, de uma maneira geral, é exposta como transgressora, ou seja, ela insiste numa espécie de transgressão que, do meu ponto de vista, passa por uma série de fatores, mas tem como princípio e fim a questão da liberdade (Nogueira, 2018, p. 145).

Em prol dessa liberdade, o filme "Vision" (2009), dirigido por Margarethe von Trotta, é um outro exemplo que mulheres sempre lutaram contra o sistema que as silencia. É, igualmente, através da representação da vida de Hildegarda de Bingen, um exemplo de liderança e inteligência numa luta transgressora pela igualdade, que se desvenda os feitos grandiosos das mulheres que a sociedade insiste em ocultar. Como mística, nos serve de exemplo não como uma religiosa, mas como uma escritora que deixou inúmeras obras de grande excelência literária que podem ser exploradas em múltiplas dimensões.

Sempre existiram mulheres “fora da caixa”, que por conta das suas personalidades e autodeterminação nos legaram algo valioso que podemos referir como aspectos da grandiosidade humana.

A genealogia da palavra da mulher é muito antiga, iniciou com a Eva (se aceitamos a relevância religiosa cristã na configuração da humanidade, sem desresponsabilizar as suas falhas), venceu o tempo, o patriarcado, o machismo e as suas vicissitudes. Essa palavra não deixou de se fazer ouvir na Idade Média, referências são várias, e Hildegarda de Bingen é o nosso exemplo nesse contexto.

Hildegarda figura como uma importante escritora da Idade Média por seu grande legado, não apenas porque fundou mosteiros, mas pela sua grande criatividade que lhe valeu a canonização e título de Doutora da Igreja Católica. Os seus escritos

foram preservados devido a sua importância, assim como as suas composições musicais (Barcala; Nogueira, 2020).

É dona de uma vasta obra, desde composições musicais, textos litúrgicos, compêndios sobre medicina natural, conhecimentos escritos sobre física e projeto que pretendia consagrar uma linguagem mística desconhecida, aponta os pesquisadores.

É através dos seus textos visionários que Hildegarda ganhou prestígio e reconhecimento, por se revelar profícuos para a reflexão teológica. *Scivias* foi a obra que ganhou mais destaque e destaca-se também o aspecto apocalíptico das duas visões.

Segundo Barcala e Nogueira, pelo caráter elevado das visões e narrativas de Hildegarda foi recomendado a leitura de *Scivias*, antes mesmo da sua escrita ter sido concluída, ao Papa Eugênio III, quem, impactado com o que leu, recomendou imediatamente a sua publicação, fora a autorização à Hildegarda de expuser a suas visões e interpretação ao público, algo que não era permitido às mulheres naquela época. Contudo,

[...] o inegável caráter místico e "original" das visões de Hildegarda, Bento XVI não deixa margens a dúvidas sobre a ortodoxia da teologia decorrente daquelas experiências, acrescentando que "com aguda sensibilidade sapiencial e profética, Hildegarda fixa o olhar no evento da revelação", mas - o que parece indispensável ressaltar - "a sua [de Hildegarda] averiguação desenvolve-se a partir da página bíblica, à qual, nas fases sucessivas, permanece firmemente ancorada" (Bento XVI, 2012 *apud* Barcala; Nogueira, 2020, p. 6).

Barcala e Nogueira concluem que ela operacionaliza com liberdade as Escrituras Sagradas, rearranjando e até mesmo potencializando seus sentidos.

Assim sendo, é possível concluir que sua hermenêutica teológica tem inegável inspiração bíblica, mas permanece livre e aberta para as práticas visionárias em sua hiper-conectividade, especialmente quando se leva em consideração a riqueza da junção iluminuras-texto no *Scivias*.

Por fim, é importante indicar o alto valor da obra de Hildegard para quem deseja trilhar os caminhos de uma teologia sensual mais do que exclusivamente moral, estética mais do que dogmática, verdadeira enquanto bela. O que não significa, obviamente, ter que fazer uma opção radical e excludente entre estes polos. Esta opção, aliás, só é exigida por quem ainda prefere dissecar exegeticamente os textos bíblicos, ao invés de se deixar embalar pelos “beijos místicos” do Sagrado (Barcala; Nogueira, 2020, p. 23).

É a partir dessa “inspiração” que chamamos de intertextualidade e a liberdade e abertura articulada ao artifício da linguagem, que garante um certo valor estético, que lançamos mão ao texto de Hildegarda para essa reflexão. O tópico seguinte é reservado ao exercício de tornar visível esse diálogo intertexto como estratégia de acesso a um campo discursivo e apropriação de um discurso de poder como forma de legitimar o que se pretende dizer.

### **Intertextualidade como estratégia para a legitimidade**

Todavia se reconhece que o texto de Hildegarda é muito mais que espiritual, é também político, se tratando de escrito de uma mulher numa época em que muitas restrições eram impostas às meninas. Ousar ir além nessa época é um ato de extrema resistência. Porém, pelo caráter do texto em análise, emergido de um contexto religioso, entendemos que o diálogo entre ele com o texto consagrado pela igreja católica, ou seja, a Bíblia, é inevitável, seja pela estratégia de sobrevivência ou simplesmente porque é natural, ao se tratar de uma autora que tinha profundamente uma imersão de leitura bíblica.

Intertextualidade é um conceito amplo, mas tentaremos trazer uma ideia que sintetize as suas ramificações. Segundo Ricardo Zani, é uma referência ou uma incorporação de um elemento discursivo a outro, podendo-se reconhecê-lo quando um autor constrói a sua obra com referências a textos, imagens ou a sons de outras obras e autores, como uma forma de reverência, de

complemento e de elaboração do nexos e sentido deste texto. Nessa leitura, é uma relação de um texto com outro ou outros, quer pela aceitação ou rejeição, estabelecendo um diálogo entre duas ou mais vozes, entre dois ou mais discursos.

Citando Fiorin (1999), Cássio de Borba Lucas e Alexandre Rocha da Silva (2018, p. 6) consideram três tipos de intertextualidade: por citação, por alusão e estilização. A explicação é que a citação pode confirmar ou alterar o sentido do texto com o qual se dialoga, mas retoma as palavras deste com rigor. Na alusão, as palavras não são citadas, mas reproduzem-se construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, podendo-se estabelecer uma polêmica com o intertexto a que se alude. Já na estilização, reproduzem-se os procedimentos estilísticos de outrem, entendidos como conjunto das recorrências formais tanto no plano de expressão quanto no plano de conteúdo. No diálogo de *Scivias* com a Bíblia podemos verificar essas formas de intertextualidade com variáveis diferentes.

O título da obra em análise naturalmente faz alusão a Texto Sagrado. Quando pensamos, em um contexto religioso, “nos caminhos do Senhor” inevitavelmente pensamos no Senhor bíblico, aquele que diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”, ou, então, qual obra primitiva (no sentido de inaugural) em que se leu primeiro sobre visões e revelações? É a Escritura Sagrada. Portanto, nesse quesito a alusão é clara.

Barcala e Nogueira explica que *Scivias* é uma abreviação de *Scito Vias Domini*, que no latim significa “Conhece os caminhos do Senhor”. A obra levou uma década para ser concluída, entre 1141 e 1151. Seu conteúdo é composto por três livros distintos.

A estrutura tripartida da obra sugere a intenção da autora em refletir a dinâmica trinitária da teologia cristã, aplicada inclusive à história da salvação. Assim, no primeiro livro, intitulado *O Criador e a Criação*, Hildegard descreve seis visões que se relacionam com a criação do mundo e a revelação da Lei. O segundo livro, composto por sete

visões, é dedicado ao tema da encarnação do Filho de Deus e intitulado *O Redentor e a Redenção*. O terceiro e último livro do *Scivias* é bem maior que os anteriores. Sob o título de *A História da salvação simbolizada por um edifício*, Hildegard apresenta e interpreta treze visões nas quais o drama da salvação humana é desenrolado pelo protagonismo das *Virtudes* – todas elas descritas por nomes e atributos femininos – e de *Eclésia* – a bela noiva de Cristo, que aparece já no segundo livro e ocupa o lugar de outra mulher, a *Sinagoga* (Barcala; Nogueira, 2020, p. 7).

A Terceira Visão, como foco dessa análise, está organizada em trinta e um tópicos, buscaremos extrair o essencial deles a partir da ideia da intertextualidade como meio para alcançar a legitimação. A problematização que se faz é a seguinte: Num contexto em que a palavra da mulher é hiper censurada, que mecanismo seria melhor que despi-la do caráter eminentemente humano e atribuí-la aspectos divinos? Como fazer isso se não aproximá-la o mais perto possível do Texto Sagrado sem, no entanto, deixar de expressar o que se pretende, mas metaforicamente?

O abrir do texto visionário da Terceira Visão é de pura metáfora que, da forma como essa abertura se fecha para iniciar a narração, aponta para existência do bem e do mal, um assunto especificamente bíblica, vejamos a abertura:

Depois disto, vi um instrumento, redondo e ensombreado, tendo a forma de um ovo, pequeno no topo, largo no meio e estreito no fundo; fora dele, rodeando sua circunferência, havia fogo brilhante com algo assim como uma zona umbrosa sob ele. E naquele fogo havia um globo de chamas coruscantes, tão grande que todo o instrumento era iluminado por ele, e sobre o qual três pequenas tochas estavam dispostas de tal modo que, pelo fogo delas, elas sustentavam o globo para que não caísse. E aquele globo, às vezes, elevava-se por si só, de modo que muito fogo voava para ele e, através disso, suas chamas duravam por mais tempo; e algumas vezes afundava, e grande frio achegava a ele, de modo que suas chamas eram mais facilmente dominadas. Todavia, do fogo que rodeava o instrumento, saía uma rajada com redemoinhos, e da zona

abaixo dele, arrojava-se outra rajada com seus próprios redemoinhos, que se difundiam para lá e para cá, por todo o instrumento. Naquela zona, outrossim, havia um fogo escuro de tão grande horror, que eu não podia olhar para ele, cuja força abalou toda a zona, cheio de trovão, tempestade e pedras extremamente afiadas, tanto pequenas quanto grandes. E enquanto fazia ouvir trovões, o fogo brilhante e os ventos, e o ar estavam em convulsão, de modo que lampejos precediam aqueles trovões; com efeito, o fogo sentia dentro de si a turbulência do trovão (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 139).

Neste primeiro parágrafo, apresenta-se o instrumento, detalhando a sua configuração, alegorizando o seu objetivo e seu caráter. A sua configuração em forma de ovo é uma metáfora interessante na medida que representa o que leva ou transporta a vida, traçando, assim, uma simetria da alegoria do ovo com a condição da mulher como geradora de vida e nesse aspecto anuncia-se uma condição sobrenatural. Apesar desse caráter divino do instrumento, ele é antagonizado por um sistema que o prega obstáculos. Uma clara crítica à sociedade da época hostil ao feminino, que o ovo representa. Não obstante, o instrumento triunfa tendo em conta o que forma a sua base, como vai elucidar os parágrafos seguintes:

Contudo, sob aquela zona, havia puríssimo éter, sem nenhuma zona abaixo de si, e nele, vi um globo de fogo branco e de grande magnitude, sobre o qual estavam coladas duas tochinhas, segurando aquele globo para que ele não excedesse a medida de seu curso. E naquele éter estavam dispersas muitas esferas brilhantes, dentro das quais o globo branco de vez em quando se derramava e emitia o seu esplendor, em seguida, voltava para debaixo do globo de fogo vermelho e renovava suas chamas a partir dele; a seguir, uma vez mais, enviava-as para dentro aquelas esferas. E daquele éter também saía uma rajada com seus redemoinhos, a qual se espalhava para toda parte ao longo do instrumento.

E sobre aquele éter, vi um ar aquoso, com uma zona branca sob ele, o qual se difundia aqui e ali e espalhava umidade por todo o

instrumento. E quando ela repetidamente se contraía, enviava uma chuva repentina com grande rumor, e quando se espalhava suavemente, concedia que caísse uma chuva agradável e branda. Mas dele também saiu rajada com seus redemoinhos, a qual espalhou-se por todo o supramencionado instrumento.

E no meio desses elementos encontrava-se um globo arenoso de grande extensão, rodeado de tal maneira por esses elementos que ele não podia oscilar em nenhuma direção. Mas, dado que esses elementos e essas rajadas disputavam entre si, devido a sua força eles o fizeram mover-se um pouco.

E eu vi, entre o norte e o leste, uma grande montanha que, ao norte, tinha grande escuridão, ao leste, tinha grande luz, mas de tal maneira que a luz não podia alcançar a escuridão, nem a escuridão a luz. (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 139-140).

O instrumento, nesse caso, está ao serviço da iluminação num mundo entre luz e escuridão, porém, existe uma força que impede que o instrumento seja abalado pela escuridão, não pela força do instrumento, mas algo maior que ele. A autora, assim, reivindica estrategicamente o caráter divino das suas visões para então atuar sobre o mundo a sua volta e a intertextualidade tornou-se o caminho para o qual essa intenção se nuança.

A sequência do texto é toda ela imbricada dessa dialogia, a referência do propósito da criação do ser humano, como prega a bíblia: "Deus que fez todas as coisas por sua vontade, criou-os para que seu nome fosse conhecido e glorificado" (p. 140).

O instrumento, então, está para mostrar a Deus como ele é, como diz essa passagem: "Deus consome, pelo fogo de sua vingança, todos os que estão fora da verdadeira fé, e que aqueles que permaneceram dentro da fé católica, ele purifica-os pelo fogo de sua consolação" (p. 141), mostra, portanto, um Deus justo e vingativo. Na sequência alegoriza a ideia bíblica de Deus enquanto um só com o Filho, nesse caso, uma referência a Cristo como Deus encarnado.



A autora chama atenção para a importância da mulher no plano divino. O nascimento e a ressurreição, ou seja, a elevação e descida do sol, usando a metáfora da autora.

Não se pode negar o paralelo entre o evento de conceber o Senhor com o instrumento que o faz conhecido, é como se fosse uma indagação, se uma virgem deu à luz o Senhor por que uma não pode anunciar o seu nome? Remetendo assim a importância da castidade virginal.

Na página 144, a narradora retoma o tema do bem e do mal, para enfatizar o triunfo do bem da parte da “Divina Majestade”, uma clara referência a história bíblica de Caim e Abel. O primeiro assassinato bíblico motivado pela dureza do coração, vejamos:

No primeiro homem nascido, o ódio ferveu, movido pela ira, e levou ao fratricídio, cheio de trovão tempestade e pedras extremamente afiadas, tanto pequenas quanto grandes, pois o assassinio está cheio de avareza, e de embriaguez e de extrema dureza de coração, o que prolifera incontrolavelmente, constantemente já em grandes assassinios, já em vícios menores. E enquanto faz ouvir seus trovões, o fogo brilhante, e os ventos, e o ar estão todos em convulsão, porque, quando o homicida grita a sua ânsia de derramar sangue, ele desperta a justiça do céu e uma irrupção de rumores esvoaçantes e uma crescente disposição de vingança da parte do justo julgamento, de modo que o lampejo precede aqueles trovões; com efeito, o fogo sente dentro de si a turbulência do trovão, pois a manifestação do escrutínio divino excede e suprime o mal, visto que a Divina Majestade, antes que o som daquela insanidade se manifeste publicamente, prevê-a com aquele olho vigilante para o qual todas as coisas estão nuas. (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 144)

Entende-se por éter a energia geradora de vida. A metáfora que a autora faz do éter é de algo puro e luminoso, não fundado em si, mas firmado no divino. Isso é alegórico a sua condição de visionária, que apesar de assumir ser apenas uma simples serva de Deus, está ao serviço de algo grandioso que supera qualquer estrutura.

A ideia bíblica da humanidade como a melhor criação de Deus está destilada na página 147. E reiterada em diálogo com Salmos (livro bíblico escrito por Davi).

E igualmente lê-se a ambiguidade existencial humana movendo-se entre luz e escuridão. A escuridão como obra do engano, maldade, falsidade e egoísmo, o que não deixa de ser uma crítica a gente do seu tempo, ao sistema sustentado por homens egoístas que só reconhecem a si, como dizia Danielle Régnier-Bohler.

A partir da página 148, o texto da Terceira Visão passa a se apresentar mais como interpretativa sem, no entanto, renunciar ao conhecimento bíblico. Lá para página 157 traz uma alusão interessante, que parece uma defesa a mulher. A mulher é acusada de ser responsável pelo infiltrar do pecado a humanidade, para a sua defesa, é ela quem concebeu Aquele que derrotou o pecado, ou como diz o texto: "O diabo, no princípio conquistou a humanidade através da mulher, mas Deus, por fim, esmagou o diabo através da mulher que deu à luz o Filho de Deus, que maravilhosamente aniquilou as obras do diabo[...]".

A autora fecha o texto da Terceira Visão com uma menção bíblica pois é a ponte que lhe garante a legitimidade de dizer as suas verdades e ocupar o seu espaço de fala:

"Por esta razão, o Filho de Deus apareceu, para que pudesse destruir as obras do diabo!" (1Jo 3,8). O que isso significa? O grande esplendor, o Filho de Deus, apareceu para a saúde e salvação da humanidade, assumindo a pobreza de um corpo humano, mas brilhando como uma estrela candente em meio às nuvens ensombreadas. Foi colocado no lugar, onde o vinho é esmagado sem os sedimentos da fermentação, porque ele, a pedra angular, caiu sobre o lagar e fabricou vinho de tal sorte que emitiu maior odor de doçura. Ele, brilhando como um ser humano glorioso em meio à raça humana, sem nenhuma mistura de poluído, pisou, com seu pé belicoso, a cabeça da antiga serpente; ele destruiu todos os dardos da sua iniquidade, cheios de ira e de devassidão como estavam, e tornou-o completamente desprezível.

Portanto, quem quer que tenha o conhecimento do Espírito Santo e asas da fé, não ignore minha admoestação, mas experimente-a, abrace-a e receba-a em sua alma (Hildegarda de Bingen 2015, p. 157-158).

Como se lê na citação, a autora enfatiza a humildade e a grandeza que há em Cristo, sua pureza e a sua grande vitória contra o mal, como prega a Bíblia, e também em humildade e pureza a autora prega essa grandeza e interpela para que não seja ignorada a sua admoestação como sendo fruto do Espírito Santo. O diálogo intertexto, então, é mantido em todos os interstícios da *Terceira Visão* com o mesmo valor estratégico.

### **Considerações finais**

Tentamos mostrar ao longo deste artigo, que temos uma ideia vaga sobre contribuição e participação de mulheres nas diferentes esferas sociais e políticas, mas essa ideia não passa de um equívoco gerado pela forma como a sociedade tem encarado esse assunto, graças a história única que o ocidente nos vendeu. A sociedade tem focado por muito tempo na vitimização das mulheres, sem nunca procurar e divulgar os seus feitos, o que ofusca em grande medida as suas potencialidades. A partir das escritoras místicas medievais, vimos como a inteligência supera o silenciamento e configura como um ato de resistência face a um sistema violento e fatal. Esse trabalho então mostrou, a partir da literatura, a valiosa contribuição das mulheres e que a palavra das mulheres sempre esteve presente e viva na construção da humanidade.

Hildegarda mostra-nos com excelência como usar um instrumento de poder a seu favor. E que isso é possível com o uso adequado da inteligência e estratégia bem direcionada. A sua estratégia intertextual, conformando o que tem para dizer com a visão bíblica, articulada a postura humilde como apresenta suas visões e interpretações, provaram-se úteis e lhe valeram a voz e espaço num contexto em que são negados essa voz e espaço às mulheres. Seu texto, apesar de estar intimamente ligado a uma

visão religiosa, permeia muitas outras questões como estéticas e, também, políticas, como contraste visível para a situação das mulheres daquela época.

## Referências

BARCALA, Martin Santos; DE SOUZA NOGUEIRA, Paulo Augusto. Os caminhos do Caminho: O Scivias de Hildegard von Bingen e sua hermenêutica bíblica visionária. **Estudos de Religião**, v. 34, n. 2, p. 463-487, 2020.

DE OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli; FROTA, Rafael Fernandes. Resenha de HILDEGARDA DE BINGEN, Santa. Scivias (Scito vias Domini): Conhece os Caminhos do Senhor. **Revista Coletânea**, v. 18, n. 35, 2019.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Scivias (Scito Vias Domini)**: conhece os caminhos do Senhor. [Tradução de Madre Columba Hart e Jane Bishop]. São Paulo: Paulus, 2015.

LUCAS, Cássio de Borba; SILVA, Alexandre Rocha da. Julia Kristeva e a semanálise: dos dialogismos às significâncias. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Santa Maria. Vol. 17, n. 34 (2018), p. 39-53**, 2017.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Escritoras medievais: transgressões silenciadas. In.: BROCHADO, Cláudia Costa; DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). *Vozes de mulheres da Idade Média*. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. p. 132-152.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Vozes literárias, vozes místicas*. [Tradução de Francisco G. Barba e Teresa Joaquim] In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres: a Idade Média*. 476 ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 517-591.

TROCH, Lieve. “Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais.” In: *Revista*

Graphos. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Volume 15, no.1, 2013.

VISION aus dem leben der Hildegard von Bingen. Direção de Margarethe von Trotta. 2009. (111 min.), son., color. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2EH79p\\_YL6Q](https://www.youtube.com/watch?v=2EH79p_YL6Q). Acesso em: 21 de abril. 2023.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em questão**, v. 9, n. 1, p. 121-132, 2003.

## BREVE LEITURA DE O DIÁLOGO DE CATARINA DE SENA

Maria Graciele de Lima

### Considerações iniciais

Catarina de Sena (1347-1380), nascida Caterina Benincasa, é um dos nomes mais lembrados dentre as autoras medievais que se inscrevem no universo do catolicismo ocidental. Sua memória se destaca a partir de uma tradição devocional, como é costume acontecer com as/os intelectuais que produziram no Medievo e cuja fama é veiculada quase exclusivamente pela cultura religiosa.

Entretanto, a partir de uma leitura atenta dos escritos de Catarina, é possível encontrar elementos que os vinculam a uma tradição literária, filosófica e teológica protagonizada por mulheres medievais e que alcança um espaço simbólico para além das práticas e reflexões devocionais. A autora deixou *Cartas*, *Orações* e *O diálogo* (*Dialogo della divvina providenza*), sua *Opera Magna*, que é objeto de uma breve apresentação neste capítulo, destacando algumas das figurações nela presentes, o que a levam a caber no que se concebe atualmente como arte literária.

No contexto dos Estudos Medievais, importa inserir a obra catariniana na tradição de autoria feminina pertencente à Mística Cristã Ocidental, cujas raízes se encontram no tratado de Pseudo-Dionísio intitulado *Teologia Mística*. Trata-se da Mística apofática ou Teologia Negativa, aquela em que os discursos assumem uma perspectiva de impotência da linguagem para tratar suficientemente da divindade e da experiência da *Unio Mystica*.

A fim de dar suporte às considerações propostas, cabe o diálogo com os olhares investigativos de Vauchez (1995), Troch (2013), Paz (1972), Lopes (2010) e Régnier-Bohler (1990), entre

outras contribuições importantes no contexto desta explanação. Ao final, espera-se que se possa oferecer uma visão sobre *O Diálogo* na qual se destacam algumas figurações presentes na obra, o que contribui para considerá-la como um importante escrito literário e teológico medieval.

## A palavra de Catarina de Sena

O que se concebe como Literatura na contemporaneidade<sup>1</sup> carrega atrás de si uma vasta história de construção conceitual. Foi no século XVIII que o termo começou a se especializar, em um processo que trouxe muitos caminhos, sistematizando possibilidades de análises e múltiplas compreensões da arte da palavra.

A obra de Catarina de Sena, produzida durante a Idade Média, reclama atualmente um olhar próprio dos Estudos Literários a fim de reconhecer os textos da autora como sendo norteados por escolhas estéticas que conduzem a marcantes sendas imaginativas, dentro das quais é inegável a centralidade da metáfora. *O Diálogo* é um escrito bastante representativo dessa afirmação, em seu todo composicional.

Por outro lado, não é apenas por identificar características literárias o que torna possível e relevante propor uma leitura desse texto catariniano. Uma questão destacável é o fato de que *O Diálogo* é uma obra produzida por uma autora medieval e, portanto, é um dos escritos que representa uma palavra específica, uma palavra de mulher, advinda de uma recuada época, ainda tão necessitada de revisão historiográfica, bem como dos Estudos Literários sintonizados com a chamada historiografia clássica.

---

<sup>1</sup> Segundo Paula Cristina Lopes, a noção de Literatura “[...] remete para uma pluralidade de conceitos complexos e não raro ambíguos. O termo pode assumir significações diversas, é fortemente polissêmico. [...] simplificadamente, podemos dizer que a literatura pertence ao campo das artes (arte verbal), que o seu meio de expressão é a palavra e que a sua definição está comumente associada à ideia de estética/valor estético.” (Lopes, 2010, p. 1)

Se muito tem sido discutido a respeito das tentativas de silenciamentos e de invalidação dos escritos de autoria feminina nos tempos atuais, mais ainda, esse fenômeno é notável quando tais produções advêm do Medievo. Embora os manuscritos e os diversos documentos sejam abundantes, “[...] em literatura o acesso ao escrito é marcado por incertezas.” (Régnier-Bohler, 1990, p. 527), isso porque muitos dos comentários, traduções e edições, não raro, podem carregar manipulações das narrativas históricas, relegando à exclusividade de determinados filtros de leitura, as obras das mulheres. Também o silêncio quanto às fontes de autoria feminina tem produzido lacunas que merecem ser preenchidas.

Um dos argumentos mais comuns para não tratar das obras de autoria feminina do Medievo é o de que as mulheres nada produziram nessa longa época devido à profunda misoginia que marcou a mentalidade vigente no período. Esse pensamento se sustenta junto à narrativa de que as mulheres não possuíam conhecimentos que as permitissem escrever, desenvolver atividades intelectuais, de maneira geral, fazendo com que a construção e a divulgação do conhecimento ficassem restritas aos homens.

Essa mentalidade tão divulgada por meio das narrativas que nomeiam o Medievo como Idade das Trevas, torna invisível o profícuo trabalho das religiosas conventuais, das leigas<sup>2</sup>, beguinias e anacoretas, somente para mencionar parte da diversidade de perfis femininos que atuaram nessa recuada época. Nos mosteiros, nas celas das anacoretas, nas beguinarias e em outros espaços tornados sagrados nos quais leigas viviam, essas mulheres religiosas estudavam, produziam suas obras, desenvolviam

---

<sup>2</sup> Catarina de Sena é considerada, a rigor, uma leiga por não ter feito parte de uma ordem religiosa, em sua dimensão exclusivamente conventual. Ela pertenceu à ordem terceira de S. Domingos (ramo formado por leigas/os). Nesta discussão, no entanto, sem levar ao pé da letra a canonicidade eclesial católica romana, Catarina será tratada como religiosa dentro de uma compreensão mais ampla da vida religiosa, principalmente porque a autora torna exclusiva sua opção eclesial, ora vivendo em reclusão (na casa materna e paterna), ora viajando motivada por atividades missionárias.



traduções, entre outras atividades sustentadas por conhecimentos teológicos, filosóficos, médicos e literários, entre outros que exigiam uma refinada prática do *logos*.

É nesse amplo espaço onde se inscrevem as obras de Catarina de Sena, junto às de Hildegarda de Bingen, Clara de Assis, Juliana de Norwich, Hadewijch de Ambères e tantas outras que fazem destoar a narrativa puramente androcêntrica a respeito da Idade Média. A palavra das mulheres, portanto, pode contribuir para uma revisitação da historiografia literária mais conhecida, pois, conforme destaca a historiadora Danielle Régnier-Bohler,

Estas palavras de mulheres afirmam uma notável cultura literária, sem falar da bagagem teológica de que elas dão provas. Mas, sobretudo comprometidas na sua própria aventura espiritual, estas mulheres escritoras estão conscientes de si próprias: visitadas pela graça, difundem a verdade de Deus, e, preocupadas com as que as rodeiam, empenham-se muitas vezes numa relação pedagógica e numa transmissão activa. A eficácia do texto, da letra, da palavra é fortemente pressentida. (Régnier-Bohler, 1990, p. 536)

As palavras de Régnier-Bohler destacam também a força da representação religiosa das mulheres medievais, como é o caso das místicas que praticavam uma teologia dissonante em relação à teologia clássica. Seus textos e suas vidas fazem o que Lieve Troch destaca em seus estudos: contribuem para descolonizar as paisagens medievais. A estudiosa explica que

A “mística”, tal como é praticada por mulheres, é caracterizada por uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade. (Troch, 2013, p. 3)

No quesito da reformulação teológica da divindade, os escritos das místicas desconstroem a noção de hierarquia defendida em seu tempo pela razão principal de que nesses textos se evidencia uma relação direta com a divindade. Esse é especificamente o caso da

obra *O Diálogo*, de Catarina de Sena, cujo teor é um colóquio entre uma alma e seu Deus, como se verá adiante, neste capítulo.

O vasto conhecimento que muitas mulheres, especialmente as religiosas (conventuais ou não) possuíam no Medievo é tema dos estudos também de André Vauchez, em seu livro intitulado *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental* (1995), onde ele pontua casos como o de Ângela de Foligno (1248-1309), que passou a ser conhecida como “mestra dos teólogos” por ter sido buscada por religiosos como Ubertino de Casale para que lhes desse conselhos. O historiador acrescenta que

Em certos casos, até se pode falar de um verdadeiro magistério espiritual: santa Clara de Montefalco (morta em 1308), na Úmbria, superiora de uma pequena comunidade de reclusas, recebeu por várias vezes a visita de prelados que vinham consultá-la a propósito de seus problemas pessoais ou dos da Igreja, enquanto o rei de França Filipe III enviava mensageiros a Elizabeth de Spaalbeck, em 1226-1227, por ocasião de uma intriga de corte na qual sua esposa foi comprometida. (Vauchez, 1995, p. 156)

Sob essas informações, torna-se mais clara a percepção a respeito do contexto de produção intelectual feminina no qual se inserem os escritos de Catarina de Sena que, assim como as mulheres citadas por Vauchez, teve importante papel político e teológico em seu tempo. Sua produção requer olhares que proponham leituras variadas, interdisciplinares, descobrindo as muitas camadas de sentido que pouco a pouco se desvelam, mas que não podem ser esgotadas.

## A voz literária em *O Diálogo*

O epistolário de Catarina de Sena é composto por 382 cartas<sup>3</sup>, mostrando sua intensa comunicação com seus familiares, com religiosos (cardeais, bispos e diretores espirituais) e religiosas, papas<sup>4</sup>, entre outras pessoas com as quais mantinha intercâmbio, quase sempre com um discurso que congrega conhecimentos teológicos e orientações de conduta espiritual. A autora também é reconhecida como uma pacifista.

É a *Carta 272*, dirigida a Frei Raimundo de Cápua, seu diretor espiritual, uma espécie de roteiro que é expandido e aprofundado em *O Diálogo*. O texto foi escrito em outubro de 1377 e narra uma experiência mística da autora em que ocorre um diálogo entre uma alma e seu Senhor (divindade). Essa alma dirige quatro petições à divindade: pela reforma da Igreja, por todo o universo, pelos pecadores e por socorro e providência por “um caso particular”, não revelado claramente no texto.

O texto de Catarina, portanto, é apresentado como sendo o resultado de uma experiência mística e dialoga com as afirmações de Troch expostas anteriormente, no que se refere às características de uma obra dessa natureza e em que se sobressai “uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade”. Como será possível observar adiante, dentre essas características, a linguagem poética será destacada como tom empregado para traduzir o pensamento e a experiência espiritual da religiosa de Sena.

---

<sup>3</sup> Em geral, as informações sobre esses escritos de Catarina de Sena trazem o total de 381 textos. Porém, Frei João Alves Basílio apresenta, em sua tradução publicada em 2005, no Brasil, um total de 382 cartas.

<sup>4</sup> Catarina atuou como pacifista durante situações de intrigas papais, antes do chamado Grande Cisma da Igreja Católica. Ela defendeu Urbano VI e o retorno da sede papal para Roma, em um período em que a sede da Igreja foi transferida para Avignon, na França (1309-1377).

A obra *O Diálogo* se constitui como uma narrativa, em seus fundamentos. As falas da alma e, principalmente, da divindade, são centrais no texto, sobressaindo o caráter de ensinamento oferecido por meio da voz de “Deus Pai” que demoradamente esclarece a alma quanto ao caminho das virtudes e da “Verdade”.

Na Introdução, a narrativa esclarece o contexto do discurso, apresentando a história de revelação que a *Carta 272* oferece. A primeira frase é: “Estava certa pessoa arrebatada em grandíssimo desejo da glória divina e da salvação dos homens...” (Catarina de Sena, 1984, p. 23), fazendo com que se observe o uso da terceira pessoa (“certa pessoa”), o que se pode considerar como uma característica importante de *O Diálogo* (também presente na *Carta*) no quesito do deslocamento da voz narrativa. Se a *Carta 272* se refere a uma experiência vivida por Catarina, surpreende que a voz narrativa seja deslocada da primeira para a terceira pessoa, o que confere uma quebra de expectativas quanto à autoimplicação própria dos relatos da Mística cristã, mas principalmente quanto ao fato narrado se referir a uma experiência mística da autora<sup>5</sup>.

Mais adiante, no entanto, avançando nos esclarecimentos do contexto fundador da obra, encontra-se: “Para explicar-me melhor, recorro de ter ouvido de uma serva de Deus que, estando em oração, o Senhor não lhe ocultou seu amor pelos seus servidores, mas lho revelou [...]” (Catarina de Sena, 1984, p. 23). Já neste trecho, a voz narrativa aparece em primeira pessoa e representa a própria Catarina que, no texto basilar (a *Carta*) escreve a Frei Raimundo de Cápua, narrando revelações que foram direcionadas a uma terceira pessoa e a quem a autora passará a se referir como “aquela serva”.

É possível reconhecer, sob um olhar voltado às escolhas estéticas empregadas no texto, a complexa performatização das vozes que constituem o discurso catariniano. A primeira pessoa é, ao

---

<sup>5</sup> A escolha por escrever referindo-se a si mesma com o distanciamento da terceira pessoa também pode ser encontrada nos escritos da mística inglesa Margery Kempe (1373-1438), por meio do uso de “this creature” (aquela criatura) em seu *The book of Margery Kempe* (*O livro de Margery Kempe*).

mesmo tempo, a autora (pessoa) e a narradora (personagem). No texto, porém, a primeira pessoa se refere à experiência de Catarina, sem nomeá-la, isto é, a religiosa que compartilhou suas experiências místicas, por meio de uma carta, com seu diretor espiritual.

Uma questão importante é que “Catarina escreveu suas obras em italiano vulgar, isto é, no dialeto da República de *Siena*. [...] Nas suas obras e, de certa maneira, de modo geral, impõe-se o vernáculo como língua literária [...]” (Nascimento, 2011, p. 61). Esta é uma característica sintonizada com a maioria dos escritos medievais de autoria feminina e um dos motivos pelos quais esses escritos, frequentemente, eram considerados pelos chamados letrados como sendo de menor valor, tendo em vista o fato de não serem escritos em latim.

Quanto à divisão de capítulos, a apresentação do texto de *O Diálogo* pode variar, a depender da tradução e do projeto editorial adotado. A edição utilizada neste estudo é resultado da tradução de Frei João Alves Basílio e que teve como texto de partida a edição crítica de Giuliana Cavallini. Nesse contexto, a obra está subdividida em quatro Partes e, cada uma delas está estruturada em subtópicos.

Um dos objetivos do projeto editorial dessa edição relaciona-se com o interesse em divulgar o texto catariniano em Língua Portuguesa, facilitando sua leitura por pessoas adeptas ao catolicismo. Isto quer dizer que o projeto editorial visa, principalmente, a fins didáticos e devocionais.

Neste breve estudo, sob o interesse em oferecer uma leitura que destaca aspectos das escolhas estéticas empregadas em *O Diálogo*, importa um olhar sobre o discurso catariniano, elucidando o uso de algumas figurações específicas presentes na obra. Tais figurações contribuem para delinear um perfil muito próprio da voz construída por Catarina de Sena.

O uso de metáforas é profuso, gerando construções imagísticas bastante vivas, como se vê no trecho a seguir:

O ardor era grande, contínuo. E aumentou ainda mais, quando a Verdade Primeira lhe revelou as necessidades do mundo,

mostrando-lhe sua confusão e pecados. [...] Tudo isso lhe acendia a chama do desejo santo, num misto de tristeza pelos pecados e de alegria pela esperança de que Deus haveria de dar solução a tantos males. (Catarina de Sena, 1984, p. 24)

O excerto é parte do relato da experiência mística que resultou na escrita de *O Diálogo* e apresenta elementos que permitem identificar uma tônica linguística muito própria dos escritos catarinianos quanto à menção de sensações arrebatadoras como em “o ardor era grande” (e ainda se tornou maior), junto a imagens simbólicas como em “chama do desejo santo”, por exemplo.

No desenvolvimento da obra, mais especificamente quando Deus Pai conversa com “aquela serva”, a voz divina destaca pontualmente certas imagens para formar vibrantes metáforas, isto é, comparações sem um termo comparativo. Por meio dessas imagens, o discurso provoca um colorido imagístico e estabelece conexões semânticas singulares, já que os ensinamentos espirituais são oferecidos por meio de um vocabulário que explora elementos dos cenários cotidianos de Catarina e de seus contemporâneos.

Um exemplo que traduz essas afirmações pode ser encontrado em: “Acabo de dizer-te que fiz do meu Filho, o Verbo encarnado, uma ponte. [...] Deveis saber, meus filhos, que a estrada (do céu) fora interrompida pela desobediência de Adão. Ninguém mais chegava à vida eterna.” (Catarina de Sena, 1984, p. 66). No trecho, as palavras “ponte” e “estrada” são imagens cotidianas que aparecem na voz divina e é possível supor que um dos efeitos dessa escolha lexical é tornar o ensinamento acessível à pessoa que o recebe (“aquela serva”) e àquelas que, futuramente, lerão o escrito resultante de tal ensinamento.

O ensinamento continua a ser proferido por Deus Pai:

O homem deixava de realizar meu plano, pois a culpa lhe fechara o céu e a porta da minha misericórdia. O pecado fez germinar na humanidade espinhos e sofrimentos, tribulações numerosas, rebelião interna. Ao revoltar-se contra mim, o homem criava rebelião dentro de si. Em consequência a carne se revoltou contra o espírito.

Tornou-se o homem um animal imundo. Todas as coisas insurgiram-se, exatamente naquilo em que lhe iriam obedecer caso ele se conservasse no estado da criação. Pecou a humanidade, desobedeceu, mereceu a morte eterna para a alma e o corpo. (Catarina de Sena, 1984, p. 67)

No trecho, as figurações apresentadas variam entre imagens cotidianas e menções indiretas à dualidade simbólica experimentada pelos seres humanos. As primeiras se expressam mais diretamente por meio de termos como “porta da misericórdia” e “espinhos”. Já as segundas estão mais presentes em “rebelião interna”, “a carne se revoltou contra o espírito” e “alma e o corpo”.

Continuando a mostrar trechos significativos para este breve estudo, pode-se destacar outra imagem que é muito significativa, no mesmo capítulo: a imagem do rio. A voz divina defende que “Com o advento do pecado, imediatamente brotou um rio tempestuoso, cujas ondas continuam a açoitar a humanidade.” (Catarina de Sena, 1984, p. 67). Como se pode notar, trechos como “rio tempestuoso”, “ondas continuam a açoitar”, assim como a “rebelião interna” são construções imagísticas vibrantes, sempre presentes no escrito de Catarina, aqui em destaque.

Para compor esta discussão, importa um último trecho representativo. Trata-se de uma conclusão do pensamento que foi mostrado, embora de forma fragmentada nos excertos anteriores:

A ausência de consolações acontece para que o homem se feche na cela do autoconhecimento, lugar onde se adquire a perfeição. Quando retorno com as consolações, darei maior luz e conhecimento da verdade [...]; já não cessa de podar a vinha da própria alma, de arrancar os espinhos que são maus pensamentos [...] se bem recordas, que as pedras da ponte-mensagem de Cristo eram suas virtudes, cimentadas com sangue, pois é do sangue que elas retiram a vida. (Catarina de Sena, 1984, p. 138)

Ao analisar o excerto, é identificável uma composição figurativa que engloba imagens anteriormente suscitadas, mas agora sendo delineado um discurso mais amplo, com uma defesa

que é considerada central no pensamento de Catarina de Sena: o conhecimento de si.

No trecho em destaque, todo um conjunto de imagens significativas se junta para dar não apenas autoridade à voz divina, mas um intenso colorido de marcante significado, por meio de expressões como “cela do autoconhecimento”, “podar a vinha da própria alma”, “arrancar os espinhos que são maus pensamentos” e “pedras da ponte-mensagem”, por exemplo.

Seguindo esse elementar roteiro de leitura, pode-se concluir que a atmosfera verbal criada em *O Diálogo* comunga com a experiência poética no que ela tem de incontáveis camadas de sentido. Como se pode constatar por meio dos trechos do escrito de Catarina, o que sustenta a mensagem teológica e mística é a linguagem rica em figurações, permitindo variadas leituras e esse fenômeno é parte basilar da identidade do discurso literário.

Esse pensamento é encontrado, por exemplo, nas discussões de Octávio Paz, em *El Arco y la Lira* (1972). Fazendo uma comparação, ele afirma que “A experiência poética, assim como a religiosa, é um salto mortal: uma mudança de natureza que é também um retorno a nossa natureza original.”<sup>6</sup> (Tradução minha). Nesse caso, em que consiste o salto mortal no texto de Catarina de Sena?

Uma resposta suficiente a essa indagação merece demoradas reflexões e análises e é válido partir do pressuposto de que uma leitura mais ampla de *O Diálogo* requer um tratamento interdisciplinar para que se leve em consideração, no mínimo, o que a obra traz em seus caminhos filosóficos, literários e teológicos. Ao lado disso, uma resposta mais imediata vai ao encontro de um olhar para o que é mais evidente no presente contexto no qual o fundamento e o interesse primeiro são enxergar pistas da linguagem literária. Isso não quer dizer, em nenhuma medida, que os Estudos Literários trabalham um filtro de olhar apenas, mas

---

<sup>6</sup> “La experiencia poética, como la religiosa, es un salto mortal: un cambiar de naturaleza que es también un regreso a nuestra naturaleza original.” (Paz, 1972, p. 137)



quer dizer que existem inúmeras camadas em direção a um sem fim de leituras e, neste momento, uma das primeiras pode ser enfocada por meio da identificação de figurações, que são as metáforas empregadas.

Desse modo, para ser mais conveniente com o que objetivam estas rápidas considerações, importa defender que o grande salto mortal da tônica literária de Catarina de Sena se traduz no que se encontra de profusão de sentidos, no generoso colorido de sua dicção textual.

Ao tratar do ensinamento das virtudes, por exemplo, *O Diálogo* apresenta uma linguagem indireta por meio da qual não é dito que “ser cristã/o é obedecer aos ensinamentos do evangelho e isso é buscar a perfeição”, mas surge a voz do próprio Deus Pai (antropomorfizado) que afirma ser seu filho “uma ponte-mensagem”.

Também não é referido a respeito da busca interior, do autoconhecimento, simplesmente, mas essa ideia é potencializada com a expressão “cela do autoconhecimento”. Junto a isso, os desafios da busca por perfeição são chamados de “espinhos” e, desse modo, o texto se desenrola em várias direções. Há, portanto, uma teopoética empregada no texto catariniano, isto é, o discurso teológico desenhado com recursos de escolhas poéticas. Fala, nesse sentido, uma voz literária que sustenta a mensagem sistematizada por Catarina.

Obviamente, essa constatação traz apenas um começo de leitura. Porém, é um começo necessário e fundamental de onde partem outros olhares, com filtros para além. Por ora, no presente contexto, importa oferecer esse olhar fundamental, contribuindo para que os escritos de Catarina sejam lidos, estudados, considerados como parte da tradição das autoras religiosas medievais e que merecem possibilitar caminhos, entre tantos possíveis, de leitura do texto literário medieval, o que pode contribuir com elementos de revisão da historiografia, em sentido amplo, e da historiografia própria dos Estudos Literários.

## Considerações finais

Os escritos de Catarina de Sena são exemplos de obra medieval que pertence à tradição de autoria feminina, especificamente no universo das autoras religiosas, seja este conceito restrito ou aberto, o que inclui beguinhas, leigas de vida reclusa, anacoretas e monjas. Seu nome se liga ao de outras intelectuais como Clara de Assis, Hildegarda de Bingen, Marguerite Porète, Hadewijch de Amberes, Juliana de Norwich e tantas outras cujos nomes ainda permanecem “esquecidos” e, portanto, abertos a investigações.

No presente estudo, o objetivo foi mapear brevemente recursos de linguagem usados por Catarina de Sena em sua obra *O Diálogo*, levando a considerá-la como uma obra literária, com uma mensagem teológica. Por meio da leitura de trechos escolhidos, foi possível identificar uma profusão de metáforas, constatando a evidente escolha pelo uso da polissemia.

*O Diálogo* apresenta a defesa do autoconhecimento como caminho para a busca da perfeição por meio do cultivo das virtudes. Porém, na presente leitura, o interesse recaiu sobre as escolhas linguísticas para realizar o discurso pretendido e, desse modo, alguns termos e expressões como “ponte-mensagem”, “espinhos”, “rebelião interna”, “cela do autoconhecimento” e “porta da misericórdia”, puderam ser considerados exemplos de escolhas estéticas que levam a considerar *O Diálogo* como uma obra literária.

Este estudo não teve como pretensão abarcar suficiência plena quanto ao texto escolhido, mas oferecer um olhar inicial, um ponto de partida e, com isso, contribuir com um olhar mais amplo sobre as obras das mulheres religiosas medievais, aqui representadas por Catarina de Sena, autora. Como consequência, estas considerações podem suscitar mais olhares investigativos quanto à obra de Catarina de Sena, contribuindo para uma revisão do cânone literário, já que ampliar a visão de *O Diálogo* para além de uma leitura devocional pode ser considerado como uma revisão de

lugares comuns tanto das autoras religiosas quanto da arte literária e, sem dúvida, quanto ao Medievo.

## Referências

BUSTAMANTE, Cristina. Teopoética e imaginación a la luz de Paul Ricoeur. *In*: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex. (Orgs). **Teopoética: mística e poesia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2020. p. 263-280.

CATARINA DE SENA, Santa. **As orações** [Tradução de Frei João Alves Basílio]. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2020. [Coleção Clássicos do Cristianismo].

CATARINA DE SENA, Santa. **O Diálogo**. [Tradução de João Alves Basílio]. São Paulo: Paulus, 1984. [Coleção Espiritualidade].

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CATERINA DA SIENA, Santa. **Dialogo della divvina providenza**. Disponível em: <https://www.famigliafideus.com/wp-content/uploads/2017/11/DIALOGO-DELLA-DIVINA-PROVIDENZA-Santa-Caterina-da-Siena.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.

CATARINA DE SENA, Santa. **Cartas Completas**. [Tradução de João Alves Basílio]. Paulus, 2005.

CATARINA DE SENA, Santa. **O Diálogo**. [Tradução de João Alves Basílio]. São Paulo: Paulus, 1985.

LIMA, M. G. *Uma inquieta escritura: estudo e tradução de Exclamaciones e Vejamen de Teresa d'Ávila*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/uma-inquieta-escritura-estudo-e-traducao-de-exclamaciones-e-vejamen-de-teresa-d2019avila/vol-04-uma-inquieta-escritura-estudo-e-traducao-de-exclamaciones-e-vejamen-de-teresa-d2019avila-1.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.

LOPES, Paula Cristina. **Literatura e linguagem literária**. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-literatura.pdf>. Acesso em: 04 out. 2023.

NASCIMENTO, José do. **Catarina Benincasa de Siena: “a escrita de si”**. Orientadora: Maria Teresa de Arrigoni. 2011. 250 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2011.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “Mística Feminina: escrita e transgressão”. In: **Revista Graphos**. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Volume 17, no.2, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/27290/14647>>. Acesso em 13 fev. 2016.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira: el poema, la revelación poética, poesia e história**. 3. ed. México: FCE, 1972.

PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA. **Obras Completas**. Madrid: BAC, 2002. (Colección Clásicos de La Espiritualidad, 21).

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes místicas. [Tradução de Francisco G. Barba e Teresa Joaquim]. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: a Idade Média**. 476 ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 517-591.

TROCH, Lieve. “Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais.” In: **Revista Graphos**. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Volume 15, no.1, 2013.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII**. [Tradução de Lucy Magalhães]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.



# UM OLHAR POLÍTICO SOBRE AS BEGUINAS, A LITERATURA MÍSTICA E A PARTICIPAÇÃO FEMININA: ESTRATÉGIAS DE LINGUAGEM EM MARGUERITE PORETE E HADEWIJCH D'ANVERS

Yasmin de Andrade Alves

## Introdução

Parte integrante da sociedade, mulheres estão presentes nas manifestações artísticas de todos os períodos históricos. De maneira errônea, acredita-se que não participaram, ao longo da Idade Média, da produção de conhecimento. Entretanto, diferentemente do que se perpetuou por séculos de androcentrismo, encontramos mulheres escritoras e artistas, muitas recém-descobertas, devido ao poder político do patriarcado e aos diversos processos de silenciamento histórico sofridos.

Levando, dessa maneira, em consideração que a literatura medieval é composta por mulheres escritoras, buscaremos trazer à tona o contexto da Baixa Idade Média, especificamente no que diz respeito ao movimento das beguinhas, e duas escritoras que provêm dessa conjuntura: Marguerite Porete e Hadewijch d'Anvers. Nesse sentido, é preciso acrescentar que suas obras devem ser tratadas como manifestações não apenas místicas e literárias, como também políticas. Os fatores que justificam essa afirmativa devem-se ao caráter reivindicador da primeira e à linguagem da segunda, bem como o próprio fato da escrita de autoria feminina ser subversiva em um contexto limitante.

Assim, em tempos de formação de consciência feminista, como demonstrado por Gerda Lerner (2022), debruçaremos-nos sobre questões que envolvem a espiritualidade feminina na Idade Média, buscando uma perspectiva histórica e feminista dentro dos estudos

literários. Com base nesse aspecto, serão evidenciadas as diferenças entre as obras das duas escritoras mencionadas neste capítulo, com ênfase no resgate do sistema simbólico feminino e na mística de autoria feminina como precursor de um movimento político, que, inclusive, abre margem aos eventos posteriores de aniquilação do conhecimento feminino, alimentado ao longo dos séculos pela forte influência do patriarcado clerical.

Esse processo de silenciamento, que se abrange por séculos e ainda é perpetuado, demonstra o impacto dos potenciais simbólicos e da violência contida em seu cerne, que é, basicamente, o apagamento histórico. Assim, o fato de as mulheres medievais não terem o devido reconhecimento confere a materialização de um projeto político de colonialidade, que se fundamenta na opressão por meio dos instrumentos disponíveis dentro da conjuntura na qual elas se encontram. Assim, buscaremos destacar que as místicas aqui selecionadas são dois exemplos de mulheres que, cada uma a sua maneira e com suas devidas intencionalidades, utilizaram estratégias de participação e formaram a base para as que vieram em seguida.

### **Os movimentos políticos também são das mulheres: as beguinhas no contexto da Baixa Idade Média**

Apesar de suas próprias limitações, o período medieval fez-se palco de diversos avanços na arte, na literatura, na filosofia, dentre outras áreas, o que reflete as formas de pensamento dos indivíduos através de suas experiências. Estas, ao longo da Idade Média, estão naturalmente ligadas à vida religiosa. Sendo um âmbito de domínio institucional religioso, conseqüentemente, a vida religiosa está intrinsecamente relacionada à vida política. Dessa forma, consideraremos que um movimento religioso, que se configura como um grupo de pessoas que segue princípios equivalentes e transforma-os em ações sociais, também é tem potencial para ser considerado um movimento político, principalmente no medievo.

Na Baixa Idade Média, o cenário é inquieto, sobretudo no que diz respeito aos movimentos e à emancipação feminina através deles. Precedendo um momento político aterrorizante para a História das mulheres, a Caça às Bruxas, o período proporcionou a ocupação de espaços de poder pelas minorias, dando luz a manifestações subversivas diante do sistema teocrático masculino. De maneira estratégica, grupos de mulheres utilizaram a organização social em prol de sua emancipação, seja consciente ou inconscientemente.

É possível – e necessário – mencionar alguns exemplos de mulheres que transgrediram sua conjuntura, tanto pelo comportamento quanto pelo protagonismo. O primeiro é o caso de Guglielma, que viveu em Milão em 1260, estabelecendo-se como uma religiosa leiga. Por possuir uma prática de cura e ser vista como uma santidade, conquistou diversos seguidores, principalmente cistercienses. Após sua morte, seus seguidores passaram a afirmar que ela era o Espírito Santo encarnado no corpo de uma mulher, que iria salvar judeus marginalizados e reformar a igreja (Telles, 2021). Seguindo esse entendimento, Maifreda de Pirovano, papisa da igreja de Guglielma, foi presa pela Inquisição com os outros seguidores, o que resultou na queima de todos na fogueira.

Além das mulheres selecionadas neste trabalho, há o exemplo de Na Prous Boneta, uma beguina que vivia em Montpellier e que, assim como Guglielma, estabelecia relações com a imagem do Espírito Santo reencarnado no corpo feminino. Na Prous foi presa em 1323 e, como destaca Telles (2021, p. 28), “condenada à fogueira, com mais vinte e duas pessoas, declarada herege e, raro a uma mulher, heresiarca, isto é, alguém que, além de ter ideias heterodoxas, obtém sucesso em convencer os outros em suas prédicas”.

Esses são dois exemplos de mulheres que, situadas no contexto da Baixa Idade Média e participantes de movimentos religiosos/sociais/políticos, sofreram consequências que ditaram seus destinos. Também existiram mulheres ligadas à Igreja, algumas até mesmo de séculos anteriores, tais como a monja beneditina Hildegarda de Bingen, Elisabeth de Schönau,



igualmente beneditina, Herrade de Landsberg, dentre outras, variando em relação às ordens em que estavam inseridas. O fato que se constata é que, desde o século VII, o Ocidente medieval é influenciado fortemente por conventos e mosteiros, especialmente em países como Itália, Alemanha, Inglaterra, Bélgica e França. Esses ambientes formam universos espirituais que, segundo Lamy (2015), constituem centros de emergência de altas figuras da espiritualidade feminina.

Essa espiritualidade não é politicamente neutra, tampouco arbitrária. Para algumas dessas mulheres, como Hildegarda, era preciso viver uma vida monástica de obediência e oração; para outras, como Marguerite Porete, de outra corrente espiritual e religiosa, é necessário aniquilar as próprias vontades e unir-se ao divino sem intermediários. A espiritualidade é, portanto, um ato político, posto que define concepções, ideologias, além de moldar atitudes perante o mundo externo. Assim, ela também está presente no âmbito econômico e social medieval.

A nível econômico, a influência das mulheres nas atividades comerciais levou a sua participação ativa nos centros urbanos, o que facilitou a formação de movimentos únicos, tais como o das beguinas. Em áreas como Flandres, Brabant, Hainaut, Liège, Cambrai e arredores, a formação de grupos religiosos separados da institucionalização católica fez-se de grande importância para reconhecer a emancipação feminina, não apenas a nível de trocas econômicas, visto que impulsionaram a participação das mulheres no comércio e na urbanização, mas também pela formação de um estilo de vida próprio, com limites próprios, e de uma literatura altamente influenciada por ele.

Dentre essas mulheres, incluímos as escritoras Marguerite Porete e Hadewijch d'Anvers, ambas centradas em regiões de crescimento urbano e de trânsito comercial. A importância de terem sido situadas nesse contexto se dá ao fato de que, segundo Simons (2001), eram locais habitados por pessoas multilíngues, que possuíam proximidade com as culturas românicas e germânica, foram dominados por cidades poderosas e independentes e,

sobretudo, sua maior parte da população era alfabetizada. Assim, no processo de modificação social iniciado no século XII, encontramos um momento em que mercadores e grupos mais abastados passam a desafiar a Igreja, que, desde o início da Idade Média, controlou todas as instituições, incluindo o uso da língua latina, canonizada (Simons, 2001).

Dessa maneira, a redução do número de leigos não teve uma relação arbitrária com o surgimento de novas respostas religiosas (Alves, 2022). A partir do final do século XII, “o aumento do uso da escrita em vernáculo, para fins literários e de documentação, rompeu a ligação entre a instrução e o latim, e a literatura vernácula da tradição oral fez sua aparição na forma escrita” (Baüml, 1980, p. 244). Assim, a maior difusão das línguas vernáculas e dos intercâmbios culturais abre questionamentos a respeito do aumento de obras de autoria feminina na Idade Média, principalmente se pensarmos naquelas que participaram do movimento beguino.

Divididas em dois grupos – diabólicas (filhas de Eva e protagonistas do pecado original) e santas (filhas de Maria, cuja pureza deu à luz Jesus Cristo, a ascensão feminina através da religiosidade incomodou as autoridades e pôs em questão o sistema androcêntrico do medievo ocidental. Ao romper com os paradigmas desse dualismo, as beguinas surgem como um movimento de mulheres interessadas em viver sob os princípios da vida apostólica, mas, diferentemente de outros grupos, apresentam independência em relação ao celibato, ao casamento e à pregação. Quebram, ademais, com o monopólio masculino do saber e da escrita, passando a pensar em novas possibilidades para a sociedade e, para isso, usando a linguagem como uma ferramenta estratégica, o que tem como consequência a utilização de um sistema simbólico fundamentado na oralidade (intrinsecamente relacionada aos mitos femininos), silenciada pela tradição patriarcal.

Essa cultura “pré-feminista”, muito influenciada pela presença da Deusa, demonstra crescimento a partir do momento em que encontramos as *imitatio Christi* no campo social. O termo,

utilizado por Newman (1995), traduz o que seria a preferência das mulheres por práticas da vida espiritual sobre as quais poderiam definir o estilo e as preferências. Esse modelo inspira as mulheres místicas, cuja vida espiritual é fundamentada no amor do aniquilamento da alma e na união com Deus. Elas desejam incondicionalmente, colocando o desejo como um desafio que perpassa o sofrimento e a ausência do amado. Em Hadewijch d'Anvers, esse sentimento paradoxal fica evidente: “[...] Senti uma tensão tão grande do meu espírito que não poderia me conter fora, no meio das pessoas, se tivesse saído. E esse desejo interior era estar unida com Deus em fruição” (d'Anvers, 2000, p. 14).

Atrelado a esses aspectos, surgem, nesse âmbito, simultâneas mudanças das formas de vivenciar a espiritualidade. A disseminação de ideias dissidentes sobre o cristianismo e sua institucionalização e implementação através da Igreja passa a ser pauta de uma problemática questionada por grupos leigos, que, na verdade, passam a ter mais acesso à alfabetização e, conseqüentemente, mais conhecimento em torno das práticas institucionais.

A vida apostólica, muito diferente da conduta clerical, passa a ser um argumento prático contra a Igreja, além de um modo de vida que prevalece entre os leigos. Essa vida está, como afirma McGinn (2017, p. 22), “inseparavelmente ligada ao crescimento da heresia popular nos séculos XII e XIII”, o que intensifica as condenações populares e, nitidamente, os saberes e símbolos mais ancestrais que a sociedade carrega consigo.

Nesse sentido, além dos mosteiros e conventos, mulheres se reuniram sem qualquer dependência ou ligação com uma “parte masculina”, com direito próprio, nomeando-se beguinas. Algumas ações, como pregar em público e não viver em clausura, já inquietavam os teólogos, que lançaram ataques a elas. Essas “mulheres em Cristo” (Newman, 1995) tiveram seu apogeu a partir de 1200, momento em que passam a surgir diferentes modos de expressão através da linguagem, um novo uso da língua, alegorias específicas, bem como resgates de imagens e discursos que

ressaltam a existência de uma matrilinearidade simbólica, muito relacionada às experiências das mulheres, apagada pelas/nas crenças cristãs.

Essas *trobairitz* de Deus fundiram, como detalha Newman (1995), o discurso monástico com o discurso secular, ou seja, com o *fine amour* dos trovadores, o que abre margem para as novas possibilidades que a alma tem em sua busca pelo divino. Por ser um grupo laico de mulheres religiosas, de caráter urbano e sem regras definitivas de comportamento, não possuíam uma figura de liderança, demonstrando seu potencial expansivo e emancipatório. Mesmo assim, é importante destacar que, por muito tempo, historiadores consideraram Lambert le Bègue, clérigo dissidente, como “fundador” das beguinhas (Simons, 2001). Este é mais um exemplo de apropriação, por meio de uma lenda construída nos meios eclesiásticos de Liège por volta de 1250, ressuscitado no século XIX, feita pelo patriarcado para dominar e apagar o protagonismo feminino dentro da política teocrática medieval. Confere-se, portanto, como absurdo.

Muitas dessas mulheres não faziam votos de castidade ou celibato – era algo que poderiam optar. Entretanto, como viviam de acordo com a vida apostólica, era natural que escolhessem por renunciar a todos os bens terrenos. Possuíam influências de outros grupos, tais como os cátaros, mas não podemos afirmar que eram semelhantes em suas crenças, visto que muitas das comunidades cátaras francesas incluíam condenações às mulheres quanto à pregação das mulheres e ao corpo feminino.

À medida que começaram a crescer e a adquirir propriedades, as beguinhas passaram a adotar regulamentos para a vida em comunidade, materializada dentro dos *béguinages* ou de forma circundante no meio urbano (Alves, 2022). Também podemos dizer que houve forte vigilância papal quanto às beguinhas, fato que as obrigou a se sujeitarem à autoridade do pároco escolhido pela Igreja ou a uma *magistra* ou prioresa.

## Um olhar político sobre a mística na literatura medieval de autoria feminina

Lieve Troch (2013), ao discorrer a respeito da espiritualidade feminina medieval, defende que as mulheres contribuíram tanto teológica quanto politicamente. A mesma autora afirma, ainda, que é preciso ter um olhar feminista sobre as produções das mulheres que compuseram o cenário da mística medieval. Essa seria, nesse sentido, uma perspectiva de suspeita, principalmente em relação às fontes e à história.

Essa quebra de padrões deve permear as leituras e os estudos feitos em torno do medievo, sobretudo no quesito da autoria feminina e da literatura mística. O novo olhar proposto por Troch (2013) pode ser resumido como um desenlace da Idade Média dos seus estereótipos e da visão machista que está presente na seleção do cânone, que coexiste com o silenciamento das histórias das mulheres.

Consequentemente, esse movimento, que podemos definir como colonizador, “desvaloriza as experiências das mulheres” (Lerner, 2019, p. 25). Sendo assim, é preciso “distinguir o passado não registrado [...] da História”, que seria um passado registrado e interpretado. Pensando nisso, Lerner menciona o que seria a “dialética da história das mulheres”, que pode ser definida como a “tensão entre a experiência histórica real das mulheres e sua exclusão da interpretação dessa experiência”. (Lerner, 2019, p. 28).

É sob esse viés que o estudo de Troch (2013, p. 2), em consonância com o de Lerner (2019), reafirma que o intervalo que chamamos de Idade Média evidencia que “a periodização da história da Europa Ocidental é um resultado de uma definição patriarcal e imperialista”. O apagamento é a materialização da tendenciosa construção discursiva do patriarcado no processo interpretativo do passado, e, neste ciclo, encontram-se as nossas escritoras.

As mulheres místicas desempenharam uma influência significativa aquém do poder clerical, utilizando a estratégia da

linguagem alegórica, poética, atrelada a um modo de vida que reformula a noção que existia sobre a divindade (Troch, 2013). Lançadas em ambientes majoritariamente masculinos, essas mulheres demarcaram seu lugar na história e na literatura, de forma que sua relação com o divino dá-se por meio da subversão da linguagem comum. Isto implica no uso de diversos recursos, incluindo a modificação do sistema simbólico da linguagem, por meio do resgate dos mitos orais e da predominância de deidades transfiguradas pelo feminino.

Assim, o amor divino é personificado em deusas, sobretudo entre os séculos XII e XIII. Tem-se a presença de uma figura feminina central, que pode ser nomeada *Fine Amour*, *Caritas* ou *Frau Minne*, e que altera profundamente a ideia tradicional existente da relação entre Deus e a alma. Na mística, principalmente (mas não exclusivamente) a nupcial, essas deidades prevalecem e instauram uma estrutura alegórica fundamentada da compreensão do divino através do feminino, utilizando o amor cortês. Podemos afirmar que se forma, assim, uma identidade espiritual própria, que subverte a concepção dualista da representação feminina (diabólica ou santa) e traz imagens que representam um poder matrilinear ancestral por meio da linguagem.

Importa mencionar que, para Vauchez (1995, p. 7), a espiritualidade “designa a qualidade daquilo que é espiritual, ou seja, independente da matéria”. Dessa forma, mulheres que não necessariamente pertenciam aos mesmos ambientes redefiniram, através das formas diferentes de vivenciar e de pensar a espiritualidade, as relações com o divino (ressignificando o que seria uma divindade) e suas simbologias. Assim, daremos destaque a duas escritoras que são de extrema importância para defender essa perspectiva: Marguerite Porete e Hadewijch d’Anvers.

### **Reivindicação política e linguagem mística**

Marguerite Porete, beguina mística do século XIII, ficou bastante conhecida por sua obra polêmica, *O Espelho das Almas*

*Simples e Aniquiladas*, na qual demonstra domínio sobre a escrita e sobre o gênero tratado místico, além de amplo conhecimento acerca dos textos bíblicos. Subentende-se que fez parte do movimento beguino, mas não viveu numa comunidade formal e, possivelmente, pregava de forma itinerante.

O *Espelho* é um tratado místico em forma de diálogo entre três personagens e suas personificações: Dama Amor, Dama Razão e Alma. Neste livro, escrito em língua vernácula francesa, a Alma percorre sete estágios de aniquilamento para unir-se a Deus, numa aventura divina. É válido destacar que a obra foi enviada a três clérigos, como forma de aprovação, o que mostra que sua autora tinha determinada proximidade com autoridades. Mesmo assim, por seu forte caráter irônico e suas ideias transgressoras com relação à Igreja (instituição), foi a causa do julgamento e da morte de sua autora, em 1310, na Place de Grève, durante a Inquisição.

Condenada como herege relapsa, Porete construiu um espaço político-literário que molda a organização social, por meio de críticas ao sistema e utilizando uma linguagem simbólica de resgate e resistência matrilinear, sobretudo pelo uso das Damas (Stone, 2022; Lerner, 2019), que faz manter a concepção de deidade feminina nas representações alegóricas e traz à tona, através do comportamento dessas figuras, o teor patriarcal da linguagem utilizada em textos alegóricos.

Assim, a escrita mística feminina, além de formar uma tradição literária de mulheres, modifica as percepções a respeito do divino, por meio da inclusão das deidades femininas e da alteração de seus sentidos canonicamente esperados. É a concretização da conquista de um espaço através de um pensamento subversivo, como propõe Cixous (2022). A mesma estudiosa ressalta que a escrita é um ato que marca o momento em que a mulher toma a palavra, configurando sua entrada na história. No caso de Porete, que escreve em forma de tratado e de poemas, encontramos os três pilares da construção de uma consciência feminista (Lerner, 2022) – auto-representação, auto-autorização e auto-definição, principalmente pela opção da autora quanto ao uso de uma

linguagem que carrega consigo as marcas da oralidade e, ao mesmo tempo, dos textos sagrados:

Vós que este livro lereis,  
Se bem o quiserdes entender,  
Pensai no que vos direi,  
Pois ele é difícil de compreender;  
À humildade, que da Ciência é a guardiã  
E das outras Virtudes a mãe,  
Deveis vos render.  
Teólogos e outros clérigos,  
Aqui não tereis o entendimento  
Ainda que tenhais as ideias claras  
Se não procederdes humildemente;  
E que Amor e Fé conjuntamente  
Vos façam suplantar a Razão,  
Pois são as damas da mansão.  
(Porete, 2008, p. 1)

A autora, convidando os leitores a se abrirem aos ensinamentos que serão desenvolvidos ao longo da narrativa, afirma que “a própria Razão nos dá testemunho / No capítulo XIII desse livro [...]”, leva a audiência a colocar a confiança “naquelas que o Amor vos pode dar / E que a Fé sabe iluminar” (Porete, 2008, p. 1). Essa seria, portanto, a única forma de compreender o livro, ou seja, por meio da interpretação das figuras.

Por outro lado, Hadewijch d’Anvers (ou Hadewijch de Antuérpia), que também viveu durante o século XIII, possui uma forma diferente de expressão, em comparação a Porete. Essa beguina deixou registradas em suas *Lettres* e *Visions* suas experiências místicas de encontro com o divino, escritas em língua vernácula. Sua influência se dá pela mística de experiência e pela mística nupcial, transpondo o *fine amour* da poesia cortesã, ou seja, ao amor divino.

Em seu conteúdo, prevalece a mística do amor (*Minnemystike*), semelhante a Porete. Em sua obra, “faz referências frequentes à



Escritura e às fontes patrísticas, por vezes inserindo citações em Latim em sua escrita vernácula” (Kocher, 2008, p. 75. Tradução livre). A autora passa por momentos de êxtase profundo, a exemplo destes trechos retirados de sua Sétima Visão: “meu coração, minhas veias e todos os meus membros estavam agitando-se e tremendo de desejo” / “o amor lascivo me encheu de medo e dor, de modo que todos os meus membros pareciam se romper um após o outro, conforme cada uma de minhas veias de torcia” (D’Anvers, 2000, p. 51).

Sua escrita constrói uma unidade literária; seus textos, diferentes entre si, são interligados, de forma que é demonstrado o caminho espiritual da alma e o sentido de perfeição espiritual. Essa arte literária fundamentada na experiência da mística amorosa, que se revela por um discurso do desejo, faz dizer o indizível, ultrapassando os limites da linguagem comum. Em sua Primeira Visão, por exemplo, ela afirma: “[...] eu senti uma tensão do meu espírito em meu interior que eu não poderia me conter no exterior, entre as pessoas, se estivesse fora. E esse desejo interior era estar unida a Deus pela fruição” (D’Anvers, 2000, p. 14).

Assim, a reconstrução do processo de vassalagem amorosa manifesta-se no transe, através de uma voz interior. Existe, assim como em Porete, um Bem-Amado que será alcançado, mas que demanda um percurso longo e desafiador. Estamos diante, mais uma vez, de uma escritora medieval que tinha conhecimento acerca da teologia, da língua latina e das línguas vernáculas, além do acesso para publicação.

Quanto à poética de Hadewijch, o desejo é explícito e configura-se como a marca de sua subversão. Esse desejo ardente pode ser encontrado em todas as suas visões e, nesse percurso de evolução do caminho interior, também é possível identificar traços de questionamentos em relação à presença de instituições intermediárias. A linguagem do amor é manifestada numa crescente contemplação, na concepção da passagem da alma para além de si. Dessa maneira, um forte sentimento de Deus como o “outro” está presente na obra dessa mística, concretizando a ideia

de *Longe-perto*. Quanto a esse amor, vale destacar que também é referido como uma deidade, semelhante a Porete:

Forever to be in unrest,  
Forever assault and new persecutions,  
**To be wholly devoured and wholly engulfed**  
**In her (Love's) unfathomable nature,**  
**To founder in incandescence and in cold every hour**  
**In the deep high darkness of Love**  
**This exceeds the pains of hell.**  
He who knows Love and her comings and goings  
Has experienced and can understand  
Why it is truly appropriate  
That Hell should be the highest name of Love. (D'Anvers, 1981, *apud*  
Jansen, 2004, p. 336. Grifo nosso.)<sup>1</sup>

Semelhante processo ocorre em Porete, de forma mais explícita no Prólogo do *Espelho*, quando conta a seguinte história:

Era uma vez uma **donzela**, filha de um **rei de grande e nobre coração**, e **nobre coragem** também, que vivia num reino distante. Aconteceu que essa donzela ouviu falar da **grande cortesia e nobreza do Rei Alexandre** e logo passou a amá-lo em virtude do grande renome de sua **gentileza**. Contudo, **essa donzela estava tão distante de seu grande senhor**, em quem fixou seu amor, que **não o podia ver ou ter**. Estava então inconsolável, pois **nenhum amor exceto esse a satisfaria**. Quando viu que esse **amor longínquo, tão próximo dentro dela, estava tão distante externamente**, a donzela pensou consigo mesma que poderia confortar sua melancolia imaginando alguma **figura de seu amor**, que continuamente teria em seu coração. (Porete, 2008, p. 31-32. Grifos nossos)

---

<sup>1</sup> Tradução livre: Para sempre estar em agitação, / Sempre assalto e novas perseguições, / Para ser totalmente devorado e totalmente engolfado / Em sua natureza insondável (do Amor) / Afundar na incandescência e no frio a cada hora / Na profunda escuridão do Amor / Isso excede as dores do inferno. / Aquele que conhece o Amor e suas idas e vindas / Experimentou e pode entender / Porque é realmente apropriado / Que o Inferno deveria ser o nome mais elevado do Amor.

Na perspectiva de Hadewijch, é essencial diferenciar o amor verdadeiro e o amor irreal, respectivamente o Amor e a Razão. A Alma que confunde o amor divino, quando não segue seus conselhos, acaba seguindo os domínios da Razão: “A Razão tem mais possibilidades de se satisfazer que o Amor, mas o Amor experimenta mais delícias celestiais”, ou “a Razão instrui o Amor e o Amor ilumina a Razão” (D’Anvers, 1984, p. 178-179 *apud* Salé, 2013, p. 34. Tradução livre).

Em Porete, a imagem da Razão e de Amor, alegoricamente representadas por deidades, destaca que a Dama Razão, que domina a Igreja dos homens (Santa Igreja, a pequena), não detém de conhecimentos profundos da mesma maneira que a Dama Amor. Sendo assim, está sempre a questionar e solicitar explicações detalhadas, o que faz *O Espelho* possuir repetições, a exemplo da pergunta “Ó, por Deus, Amor, o que quer dizer isso?” (Porete, 2008, p. 38-39). A Razão, neste sentido, está atrelada às Virtudes, que, na perspectiva de fiéis seguindo os preceitos de uma religião, escravizaria as almas:

[...] Virtudes, de vós me **libertei** para sempre, Terei agora o coração mais livre e mais feliz; **Vosso serviço** é muito constante, bem o sabeis. Em vós coloquei meu coração por um tempo, sem nada reter; Sabeis que a vós totalmente me abandonei; Fui uma vez vossa **serva**, mas agora me libertei. [...] De vossa **dominação**, que tanto me afligiu, me livre. Nunca fui tão livre, exceto longe de vós; De vossa dominação parti, em paz repousei. (Porete, 2008, p. 38. Grifo nosso)

Sendo assim, é possível observar como a linguagem simbólica utilizada por essas mulheres foram significativas na construção de seus discursos, que questionam padrões patriarcais em sua essência, e de percepção em torno de divindade, principalmente quando há a presença das deidades femininas em contraposição à presença da trindade masculina.

## Considerações finais

Com as teorias mais recentes, a noção de dominação foi ampliada também às mulheres do medievo. Comprovou-se que as mulheres sofrem e sofreram, ao longo desse período, “marginalização semelhante à do colonizado por causa das diferenças de gênero”, como destaca Chance (2007, p. 1). Os textos selecionados neste capítulo demonstram uma pequena parcela da grande quantidade de textos que essas mulheres escreveram, e comprovam a sua (r)existência, por meio da literatura, do aspecto da marginalização, ou de “fora constitutivo”, termo utilizado por Judith Butler, significando o deslocamento de um grupo para um status menor, quando há espaços dominados por outra cultura.

Na Idade Média, a “cultura marginalizada do feminino” (Chance, 2007) faz prevalecer essa marginalização, mas, ao mesmo tempo, requer oposição e subversão contínuas. Os espaços intermediários fornecem, portanto, terreno para estratégias de individualidade, para a constituição desses sujeitos (Alves, 2022), posto que essas místicas também foram, como pudemos comprovar, minoria social. É fato, então, que o seu maior artifício foi a linguagem, aproximando a ideia de estratégias de representação e de empoderamento aos usos da linguagem, sobretudo em sociedades cuja oralidade prevalece e a escrita ainda é restrita (Alves, 2022).

A singularidade política e revolucionária dessas mulheres que foram silenciadas pelos diversos recortes históricos promove o alcance coletivo e a validação da ideia de que a língua é um instrumento político e, portanto, pode ser insuficiente, sugerindo, assim, novas possibilidades, incluindo o resgate de imagens apagadas pelo patriarcado, incorporado na misoginia da língua latina e das leituras teológicas dos textos sagrados.

## Referências

ALVES, Yasmin de Andrade. **O uso das alegorias como mecanismos de subversão em O Espelho das Almas Simples, de Marguerite Porete**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

CHANCE, Jane. **The literary subversions of medieval women**. New York: PALGRAVE, 2007.

CIXOUS, Helene. **O riso da medusa**. [Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos]. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

D'ANVERS, Hadewijch. **Les lettres**. [Tradução de Paul-Marie Bernard]. Perpignan: Éditions du Sarment, 2002.

D'ANVERS, Hadewijch. **Les Visions**. Genève: Ad Solem, 2000.

D'ANVERS, Hadewijch. **The Complete Works**. [Tradução de Mother Columba Hart]. London: SPCK, 1981.

JANSEN, Saskia Murk. Hadewijch The Beguine. In: JANSEN, Saskia Murk. **Brides in the desert: The Spirituality of the Beguines (Traditions of Christian Spirituality)**. Oregon: Wipf and Stock, 2004, p. 331-338.

KOCHER, Suzanne. Allegories of Love in Marguerite Porete's Mirror of Simple Souls. IN.: BLUMENFELD-KOSINSKI, Renate (org.). **Medieval Women: Texts and contexts**. Bélgica: Brepols Publishers, 2008, v. 17.

LAMY, Alice. Qui sont les femmes religieuses médiévales? L'esquive identitaire de la féminité, du symbole au stéréotype. **Arenal**, v. 23, n. 1, janeiro-junho, 2016, p. 171-191.

LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. São Paulo: Cultrix, 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MCGINN, Bernard. **O florescimento da mística**: Homens e mulheres da nova mística (1200-1350). [Tradução de Pe. José Raimundo Vidigal]. São Paulo: Paulus, 2017.

NEWMAN, Barbara. **God and Goddesses**: Vision, Poetry, and Belief in the Middle Ages. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2005.

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. [Tradução de Sílvia Schwartz]. SCHWARTZ, Sílvia. Petrópolis: Vozes, 2008.

SALÉ, Claudia. **La mystique féminine dans la région Rhéno-Flamande**. France: Parcs d'Étude et de Réflexion La Belle Idée, 2013.

SIMONS, Walter. **City of Ladies**: Beguine Communities in the Medieval Low Countries, 1200-1565. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.

STONE, Merlin. **Quando Deus era mulher**. [Tradução de Angela Lobo de Andrade]. São Paulo: Goya, 2022.

TELLES, Norma. **Ronda das feiticeiras**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental**. [Tradução de Lucy Magalhães]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.



## AUTORAS E AUTORES

**Betiza Pinto Botelho** é mestranda em Letras (PPGL/UFPB) e professora de Libras (UFPE). E-mail: botelhobetiza@gmail.com

**Janáina Aguiar Peixoto** é doutora em Letras, professora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB) e no curso de Licenciatura em Letras Libras (CLL/UFPB). E-mail: profibrasjana@gmail.com

**Otávio Washington Lima Silva** é doutorando em Letras (PPGL/UFPB), Tradutor Intérprete de Libras (IFPE – Campus Pesqueira) e Professor Intérprete de Libras (SEE/PE). E-mail: otavioufpbibras@gmail.com

**Eugênio Nunes Correia** é licenciado em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB) e doutorando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autor das obras poéticas *Sarau de Dor-Esperança na Pátria-Tabanka* e *Umakatcheda: entre o largo e o estreito*. E-mail: eugenionunes733@gmail.com

**Maria Graciele de Lima** é professora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB), com pesquisa voltada aos Estudos Literários, especificamente no campo dos Estudos Medievais, sobre os escritos de mulheres religiosas, tais como Teresa d'Ávila, Catarina de Sena e Clara de Assis. É membro do *Grupo Christine de Pizan* e autora do livro *Uma inquieta escritura: estudo e tradução de Exclamaciones e Vejamen de Teresa d'Ávila* (Disponível em: <https://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/uma-inquieta-escritura-estudo-e-traducao-de->



exclamaciones-e-vejamen-de-teresa-d2019avila).  
gracieledelima.literatura@gmail.com

E-mail:

**Yasmin de Andrade Alves** é doutoranda em Letras (Estudos Clássicos e Medievais) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB). Mestra em Letras (Estudos Clássicos e Medievais) pelo mesmo programa e graduada em Letras (Língua Portuguesa) pela UFPB. Professora da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. E-mail: yasminandradealves99@gmail.com

[...] AS DISCUSSÕES OFERECIDAS NESTE LIVRO APRESENTAM UM DISCURSO EM QUE O MEDIEVO É MOSTRADO SOB LEITURAS QUE PROPÕEM DESCONSTRUÇÕES DE MENTALIDADES JÁ BASTANTE DESGASTADAS, POIS AS NARRATIVAS APRESENTAM ENFOQUES QUE PARTEM DE LUGARES OUTROS, CONTRIBUINDO PARA NARRATIVAS OUTRAS.

(TRECHO DE **NOS MONASTÉRIOS E BEGUINÁRIOS**)

